



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA**

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

SÉRGIO MARIA SOARES

**Ministério Catequético
Valorização formativa dos catequistas**

**Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues**

**Braga
2019**

ÍNDICE

RESUMO	3
ABSTRACT	4
SIGLÁRIO	5
INTRODUÇÃO	7
1. O ministério da catequese e os seus agentes	9
<i>1.1 Características do ministério da catequese</i>	10
<i>1.2 Diversidade de ministérios na igreja</i>	12
<i>1.3 Um ministério que se exerce colegialmente</i>	14
<i>1.4 Presbitérios, religiosos e leigos no ministério catequético</i>	16
<i>1.5 Os leigos que assumem este ministério</i>	18
2. A tarefa do catequista	21
<i>2.1 Identificação do catequista com o carácter próprio da catequese</i>	21
<i>2.2 Uma tarefa de fundamentação e formação integral</i>	25
<i>2.3 O modo de o catequista realizar a sua tarefa</i>	28
3. Identidade do catequista	32
<i>3.1 Um novo contexto social e eclesial</i>	33
3.1.1 Ser	37
3.1.2 Saber	39
3.1.3 Saber fazer	41
<i>3.2 O catequista que a igreja hoje precisa</i>	43
<i>3.3 Catequistas com uma fé profunda</i>	44
<i>3.4 Catequistas firmes na sua identidade cristã</i>	50
<i>3.5 Catequistas com preocupação missionária</i>	54
<i>3.6 Catequistas com profunda preocupação social</i>	58
CONCLUSÃO	61
BIBLIOGRAFIA	66

RESUMO

O catequista é o agente principal da catequese uma vez que ele é o catecismo vivo e a voz do catecismo da Igreja e também é um cristão chamado por Deus através da Igreja e que por sua vez, a Igreja o envia para anunciar e testemunhar o Evangelho de Jesus Cristo com palavras e obras. Ser catequista é, portanto, fruto de uma resposta da fé à missão de Jesus Cristo. Por isso, a formação dos catequistas torna-se uma das preocupações primordial na Igreja enquanto sujeito do ministério catequético.

A formação procura capacitar os catequistas a transmitir o Evangelho àqueles que desejam seguir Jesus Cristo. A finalidade da formação requer, portanto, que o catequista seja o mais apto possível a realizar um ato de comunicação, ou seja, o objetivo essencial da formação catequética é o de tornar apto à comunicação da mensagem cristã.

Palavras-chaves: Ministério catequético, missão e Formação.

ABSTRACT

The catechist is the principal agent of catechesis since he is the living catechism and the voice of the catechism of the Church and is also a christian called by God through the Church and on the other hand, the Church sends him to announce and witness the Gospel of Jesus Christ with words and deeds. Being a catechist is therefore, the fruit of a response of faith to the mission of Jesus Christ. For this reason, the formation of catechists is one of the primary concerns in the Church as a subject of the catechetical ministry.

The formation seeks to enable catechists to transmit the Gospel to those who wish to follow Jesus Christ. The purpose of formation therefore, requires that the catechist is the most capable to perform an act of communication, as the essential objective of catechetical formation is to make fit for the communication of the Christian message.

Keywords: Catechetical Ministry, mission and Formation

SIGLÁRIO

- AA Conc. Ecum. Vaticano II, Decreto sobre o apostolado dos leigos *Apostolicam Actuositatem* (18 de Novembro de 1965).
- AG Conc. Ecum. Vaticano II, Decreto sobre a atividade missionária da Igreja *Ad Gentes* (7 de Dezembro de 1965).
- CAP Conferencia Episcopal Española, *Custodiar, alimentar y promover la memoria de Jesucristo*, 2014.
- CC Conferencia Episcopal Española, *La Catequesis de la Comunidad. Orientaciones Pastorales*, 1983.
- CCE *Catecismo da Igreja Católica* (15 de Agosto de 1997).
- CEP CONGREGACIÓN PARA LA EVANGELIZACIÓN DE LOS PUEBLOS, *Guia para los catequistas* (3 de Dezembro de 1993).
- CF Conferencia Episcopal Española, *El catequista y su formación. Orientaciones pastorales*, 1985.
- CIC *Código de Direito Canónico* (25 de Janeiro de 1983).
- ChL João Paulo II, Exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici* (30 de Dezembro de 1988).
- CT João Paulo II, Exortação apostólica *Catechesi Tradendae* (16 de Outubro de 1979).
- DCE Bento XVI, Encíclica *Deus Caritas Est* (25 de Dezembro de 2005)
- DGC Sagrada Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese* (15 de Agosto de 1997).
- DV Conc. Ecum. Vaticano II, Constituição dogmática sobre a revelação divina *Dei Verbum* (18 de Novembro de 1965).
- EG Francisco, Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de Novembro de 2013).
- EN Paulo VI, Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de Dezembro de 1975).
- FC João Paulo II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* (22 de Novembro de 1981).

- GS Conc. Ecum. Vaticano II, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes* (7 de Dezembro de 1965).
- IC Conferencia Episcopal Española, *La Iniciación Cristiana. Reflexiones y Orientaciones*, 1998.
- IL Sínodo dos Bispos, *Instrumentum Laboris. A nova evangelização para a transmissão da fé cristã* (27 de Maio de 2012).
- LG Conc. Ecum. Vaticano II. Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium* (21 de Novembro de 1964).
- LS Francisco, Encíclica *laudato si'* (24 de Maio de 2015).
- MPD Sínodo dos Bispos, *Mensagem ao Povo de Deus sobre a catequese no nosso tempo* (28 de Outubro de 1977).
- PATV Conferência Episcopal Portuguesa, *Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual* (23 de Junho de 2005).
- PDV João Paulo II, Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis* (25 de Março de 1992).
- PF Bento XVI, Carta Apostólica Sob forma de *motu proprio*, *Porta Fidei* (11 de Outubro de 2011).
- PO Conc. Ecum. Vaticano II. Decreto sobre o Ministério e vida dos Presbíteros *Presbyterorum Ordinis* (7 de Dezembro de 1965).
- RH João Paulo II, *Redemptor Hominis* (4 de Março de 1979).
- RMi João Paulo II, *Redemptoris Missio* (7 de Dezembro de 1990).
- RICA *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos* (6 de Fevereiro de 1972).
- SRS João Paulo II, *Sollicitudo Rei Socialis* (5 de dezembro de 1987).
- TDV Conferencia Episcopal Española, *Testigos del Dios vivo. Reflexión sobre la misión e identidad de la iglesia en nuestra sociedad* (1985).
- VC João Paulo II, Exortação Apostólica *Vita consecrata* (25 de Março de 1996).

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo estudar a identidade, a vocação e a missão do catequista na Igreja e a importância da sua formação. Este trabalho realiza-se através do método da pesquisa bibliográfica. No entanto, para conduzir o trabalho, e delimitá-lo, vamos ter como corpus de investigação as revistas *Actualidad Catequética e Teología y Catequesis*.

Escolho este tema por dois motivos. O primeiro é por considerar a situação atual em que vive a nossa sociedade e como nela se reclama uma presença singular da Igreja. E o segundo é por ter sido interpelado nas palavras de Jesus Cristo dirigidas a São Francisco de Assis na capela de São Damião: “Francisco vai e reconstrói a minha Igreja”.

O catequista, com efeito, tem de desenvolver a sua tarefa de educação na fé numa conjuntura particular e a tarefa que há-de responder as necessidades concretas da Igreja e da catequese, uma vez que ele é “imagem viva e a voz do catecismo”. Na verdade, o Evangelho que a Igreja anuncia na catequese faz-se mensagem da vida no povo cristão por meio da mente, do coração, da sensibilidade, da palavra e da vida da fé do catequista. Por esta razão, nesta dissertação explicita-se o sentido da vocação e da missão do catequista.

Por isso, a formação dos catequistas tem uma importância especial na Igreja: “é preciso organizar adequadamente a formação dos catequistas no que concerne tanto à formação de base quanto à formação permanente e cuidar atenção pessoal e espiritual aos catequistas e ao grupo de catequistas enquanto tal” (DGC 233).

Os catequistas devem receber a formação que os capacite para desempenhar bem a sua missão. Contudo, eles devem formar-se na maturação da própria fé uma vez que partindo de uma experiência viva da fé se pode transmitir a fé aos outros. Isto porque eles são encarregados a transmitir a fé e a educar na fé novos cristãos.

Pretende-se, portanto, para os catequistas na Igreja uma formação que responda aos desafios do momento atual e uma formação centrada nas verdades e valores fundamentais do Evangelho, para ajudar os cristãos a adquirir “firmeza na sua própria identidade” (CT 56). Em

resumo, a Igreja quer formar os catequistas de tal forma que que sejam capazes de promover a vida cristã. Supostas considerações trata-se do ministério da catequese e os seus agentes, a tarefa do catequista e a identidade do catequista que está dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo descreve-se o ministério da catequese e os seus agentes, a diversidade de ministérios na Igreja, as características do ministério da catequese e o modo como se exerce este ministério. Enquanto no segundo, elabora a tarefa do catequista, o aspeto essencial que configura a identidade do catequista, a tarefa que o catequista desempenha, ou seja, a fundamentação básica da fé e a formação integral e o modo como o catequista realiza a sua tarefa. Por fim, no terceiro aborda a identidade do catequista de que a Igreja hoje necessita: catequistas com uma fé profunda, catequistas firmes na sua identidade cristã, catequistas com a sensibilidade missionária e catequistas com a profunda preocupação social.

Penso, assim, chegar uma adequada compreensão e apresentação sobre a identidade e a formação do catequista para desempenhar o seu papel na Igreja.

1. O Ministério da Catequese e os seus agentes

Na Igreja existe diversos ministérios e um deles é o ministério catequético. O ministério catequético é o ministério confiado por Jesus Cristo aos seus discípulos após a sua ressurreição: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado” (Mt 28,19-20). Como sublinha Papa Francisco na sua exortação apostólica *Evangelii Gadium*: “nesta passagem bíblica, aparece o momento em que o Ressuscitado envia os seus a pregar o Evangelho em todos os tempos e lugares, para que a fé n’Ele se estenda a todos os cantos da terra” (EG 19). É, portanto, Jesus quem confia este ministério de” catequizar a tantas pessoas que o Senhor ama e deseja dar-se a conhecer mais e melhor”¹. Por isso, a Igreja tem que catequizar e necessita muitos dos seus membros que com a devida preparação realizem explicitamente este encargo de Jesus, pois, catequizar é sempre “uma das tarefas primordiais da Igreja” (CT 1). Porém, este ministério não é fruto de uma iniciativa privada, a margem da comunidade cristã, senão que se realiza por parte de um membro da comunidade cristã ou paroquial, por “encargo da Igreja e em nome da Igreja porque ele é um autêntico serviço eclesial que se realiza na Igreja, com a Igreja e para a Igreja”².

No entanto, é o Espírito Santo que conduz a Igreja na sua missão evangelizadora porque Ele é “o alento da vida e de toda a missão da Igreja, também da sua tarefa catequética”³ como diz Papa Paulo VI: “O Espírito Santo é o agente principal da evangelização” (EN 75). Desta Sua condução, suscita continuamente vocações para a evangelização e a catequese que hoje necessita a Igreja. Dentro deste chamamento, alguns são chamados ao ministério sacerdotal de cujas funções é, precisamente, a educação da fé. Outros são chamados à vida consagrada e pela qual realiza as tarefas evangélicas de diversas formas, concretamente chamados a trabalhar na catequese. Por fim, muitos leigos também parecem ser solicitados “a uma cooperação mais

¹ Lluís Martínez Sistach, “Escogidos por el Señor para ser catequista”, *Actualidad Catequética*, nº 240 (2013): 96.

² Sistach, “Escogidos,” 94.

³ Jaime López Peñalba, “El Espíritu Santo, maestro interior del catequista”, *Teología y Catequesis*, nº 137 (2017): 41.

imediate com o apostolado da hierarquia, tal como aqueles homens e mulheres que ajudam o apóstolo Paulo na evangelização, trabalhando muito no Senhor” (LG 33). Alguns deles a Igreja confia-lhes a tarefa concreta de catequizar. Todos estes agentes estão ao serviço do “ministério da catequese” (CT 13), que é um ministério fundamental em toda a Igreja particular. No Diretório Geral para a Catequese afirma-se que “o ministério da catequese apresenta-se como um serviço eclesial fundamental na realização do mandato missionário de Jesus: Ide e fazei discípulos a todos os povos (Mt 28,19) ” (DGC 59).

De facto, a catequese é uma ação evangelizadora fundamental de cada Igreja porque através dela a Igreja oferece um processo formativo a todos os seus membros e a todos aqueles que se aproximam com intenção de se entregarem a Jesus Cristo. A Igreja anuncia “o evangelho também celebrando o mistério em toda a celebração litúrgica, contudo, nos sacramentos”⁴. A iniciação na vida litúrgica forma parte do processo da evangelização que tende que o homem possa dar culto verdadeiro a Deus. A graça de Deus que nos vem pelos sacramentos na Igreja transforma “o próprio coração e a vida e faz possível o testemunho e a atividade transformadora do mundo e da sociedade”⁵. Este processo formativo permite os membros da Igreja conhecer, celebrar, viver e anunciar o Evangelho no contexto do seu próprio horizonte cultural. Deste modo, a meta da catequese que é a confissão da fé, pode ser proclamada “nas nossas próprias línguas” (cf. Act 2,11).

1.1 Características do ministério da catequese

No conjunto dos ministérios e serviços, com os quais a Igreja particular realiza a sua missão evangelizadora, ocupa” o lugar destacado o ministério da catequese” (DGC 219). Este ministério catequético está configurado pelas seguintes características: um serviço único, um serviço eclesial e tem carácter próprio.

⁴ Ángel Castaño Félix, “Nuevos catequistas para la nueva evangelización,” *Actualidad Catequética*, nº 237 (2013):28.

⁵ Celso Morga Iruzebieta, “La catequesis, un don de Dios para la Iglesia,” *Actualidad Catequética*, nº 249 (2016): 17.

Como um serviço único é realizado de modo conjunto por sacerdotes, religiosos e leigos, em comunhão com o bispo, pois ele é “o primeiro catequista na Igreja diocesana que oferece de modo claro um processo catequético que ajude a iniciação cristã promovendo os meios adequados para a formação dos sacerdotes e dos catequistas neste ministério tão importante e necessário”⁶. É preciso tomar consciência de que o ministério catequético é “uma responsabilidade de toda a comunidade cristã”⁷. Mesmo que os sacerdotes, religiosos e leigos realizem em conjunto a catequese, fazem-no de maneira diversificada, isto é, cada qual segundo a sua condição específica na Igreja. É “uma responsabilidade diferenciada mas comum” (CT 16). Na verdade, na diferença das funções de cada um, que o ministério catequético oferece, de modo completo, a Palavra e o testemunho da realidade eclesial e se faltasse alguma desta, a catequese perderia parte da sua riqueza e do seu significado.

Enquanto um serviço oficial, este ministério realiza-se em nome da Igreja e não é “uma ação que possa realizar-se a título privado ou pela iniciativa puramente pessoal”⁸. Trata-se de um serviço fundamental e indispensável para o crescimento da Igreja. Por isso, é em nome da Igreja que ela se realiza, em virtude da missão por ela conferida.

Por fim, o ministério catequético tem um caráter próprio, que se distingue dos outros ministérios também fundamentais, como por exemplo: os ministérios litúrgicos, o ensino da teologia, o ministério da caridade, etc, porque deriva da especificidade da ação catequética no âmbito do processo da evangelização. Na verdade, o catequista participa na missão evangelizadora que, como sabemos, consiste em “anunciar Jesus Cristo e o Evangelho”⁹. Assim, a sua tarefa como educador da fé, difere daquela que cabe aos outros agentes da pastoral, tal como: litúrgica, da caridade, social, etc, ainda que, obviamente, deva agir em coordenação com estes.

⁶ Iruzubieta, “La catequesis,” 17-18.

⁷ Álvaro Ginel Vielva, “El catequista inicia en la celebración del misterio de Jesucristo,” *Actualidad Catequética*, nº 233/234 (2012): 93.

⁸ Rafael Casado García Burgos, “San Ireneo, Testigo de la fé de la Iglesia,” *Teología y Catequesis*, nº 81 (2002): 107.

⁹ Sistach, “Escogidos,” 95.

Por isso, não se confundem os agentes da catequese com os outros agentes pastorais, já que a sua ação se circunscreve a um modo particular de “educar na fé e ensinar a fé”¹⁰.

1.2 Diversidade de ministérios na Igreja

Sabendo que existe na Igreja uma maior diversidade de ministérios na unidade da missão. O Novo Testamento descreve, em efeito, diversas formas segundo às quais o cristão exerce a sua responsabilidade eclesial:

“Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um o Espírito dá a mensagem de sabedoria, a outro o mesmo espírito dá a fé; a outro ainda o único e mesmo Espírito concede o dom de curas; a outra, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar línguas, a outro ainda, o dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito que isso tudo realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz” (1Cor 12,7-11).

Uma vez que, o ministério do catequista é um chamamento e um encargo oficial da Igreja, este tem a sua origem em Deus e é dado pela Igreja. Por isso, o catequista desempenha “este ministério em ato da fé, enquanto um fiel que responde com fé a uma chamada de Deus através da Igreja”¹¹. O catequista recebe uma missão da Igreja que é “um autêntico encargo de educar na fé a outros”¹², uma vez que a fé é “um dom que se recebe e se comunica como uma experiência de graça e gozo”¹³. Assim, a catequese é “um ato de transmissão da fé recebida”¹⁴

Posto que a catequese responde as necessidades diversas da Igreja, a figura do catequista apresenta diversas modalidades:

“a figura dos catequistas em território de missão; a de certo modo análoga à do catequista dos territórios de missão; a dos catequistas dos jovens e do dos adultos; a do catequista das crianças e do dos adolescentes; a dos catequistas para os encontros de preparação para os sacramentos; e a dos catequistas para as pessoas da terceira idade inadaptadas e deficientes e os migrantes e pessoas marginalizadas” (DGC 232).

¹⁰ Félix, “Nuevos catequistas,” 34.

¹¹ Rafael Delgado Escolar, “El catequista, un ministerio realizado en acto de fe y al servicio de la fe,” *Teología y Catequesis*, nº 137 (2017): 71.

¹² Sistach, “Escogidos” 95.

¹³ Amadeo Rodríguez Magro, “El catequista, identidad, vocación y misión,” *Actualidad Catequética*, nº 240 (2013):85.

¹⁴ Burgos, “San Ireneo,” 111.

Os catequistas em território da missão a quem este título se aplica com um sentido muito especial: “Igrejas atualmente florescentes não poderiam ter sido edificadas sem eles” (CT 66). Há aqueles que têm “a função específica da catequese” e “há aqueles que colaboram nas diversas formas de apostolado” (CEP 232). Certas Igrejas de antiga cristandade, com grande escassez de clero, têm necessidade de uma figura de certo modo análoga à do catequista dos territórios de missão porque “exerce o seu ministério com a sua presença e a sua participação na vida da comunidade¹⁵”. Trata-se, com efeito, de fazer frente a necessidade urgente: a animação comunitária de pequenas populações rurais, carentes de presença assídua do sacerdote; a conveniência de uma presença e de uma penetração missionárias, “nos bairros de grandes metrópoles” (CT 45).

Além disso, nos países de tradição cristã que, requerem uma “nova evangelização” (RMi 33), torna-se indispensável a figura do catequista dos jovens e do catequista dos adultos, para animar a catequese da iniciação: “o povo de Deus, representado pela Igreja local, há-de considerar sempre a iniciação dos adultos como coisa sua e que diz respeito a todos os batizados”¹⁶. Por conseguinte, “mostre-se o mais pronto possível a dar a sua ajuda àqueles que procuram a Cristo, cumprindo assim a sua missão apostólica” (RICA 41). Estes catequistas devem estar também ao serviço da catequese permanente. Do mesmo modo, a missão do sacerdote será igualmente fundamental nestas tarefas. Continua a ser basilar a figura do catequista das crianças e do catequista dos adolescentes, a quem cabe a delicada missão de oferecer “as primeiras noções do catecismo e a preparação para o sacramento da Reconciliação, para a primeira Comunhão e para a Confirmação” (CT 66). Aqui, o trabalho do catequista consiste “em desvelar a fé do catequizando e conduzi-lo para Jesus”¹⁷. Atualmente, esta tarefa torna-se ainda mais urgente,

¹⁵ Dionísio Boróbio, *Ministérios Laicais*, (Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1991), 128.

¹⁶ Álvaro Ginel Vielva, “El catequista en la celebración del misterio de Jesucristo,” *Actualidad Catequética* nº 233/234 (2012):98.

¹⁷ Sistach, “Escogidos” 95.

porque as crianças e os adolescentes já “não recebem uma conveniente formação religiosa no seio da família” (CT 42).

Outra figura de catequista que é preciso formar é “o do catequista para os encontros de preparação para os sacramentos” (DGC 96), com a missão de catequizar os adultos, por ocasião do Batismo ou da primeira Comunhão dos filhos, ou por ocasião do sacramento do Matrimónio. O que significa “iniciar à fé em todas as suas dimensões, unindo o anúncio da palavra, a celebração dos sacramentos e a proposta de uma nova forma de vida”¹⁸. É uma tarefa que tem em si uma originalidade própria, na qual confluem o acolhimento, o primeiro anúncio e a oportunidade de os acompanhar, como companheiro de viagem na procura da fé. Contudo, acompanha por meio do testemunho da vida e pela orientação, pelo aconselhamento e discernimento que permita “o crescimento da fé”¹⁹. Outras figuras de catequistas são urgentemente exigidos, por sectores humanos com sensibilidade especial: “as pessoas da terceira idade” (CT 45), que necessitam de uma apresentação do Evangelho adaptada às suas condições. Também as pessoas inadaptadas e deficientes, que necessitam de uma pedagogia catequética especial (CT 41), além da sua plena integração na comunidade. Por fim, “os migrantes e as pessoas marginalizadas que é causada pela evolução moderna” (CT 45). Necessitamos estas figuras de catequista porque são “cantores da misericórdia de Deus”²⁰.

1.3 Um ministério que se exerce colegialmente

A Igreja existe para evangelizar, porque evangelizar é “a razão de ser e existir da Igreja e tem o dever da evangelização”²¹. Porém, esta é a tarefa de todos os cristãos e uma responsabilidade de toda a comunidade cristã, isto é, a iniciação cristã não deve ser obra só dos catequistas

¹⁸ Javier Salinas Viñals, “Catequista al servicio de la iniciación cristiana,” *Actualidad Catequética*, nº 245-246 (2015): 49.

¹⁹ Francisco Julián Romero Galván, “El catequista, padrinho y acompañante de la fe,” *Teología y catequesis*, nº 137 (2017): 175.

²⁰ Francisco Cerro Chaves, “Los catequistas, cantores de la misericordia de Dios,” *Actualidad catequética*, nº 250 (2016): 28.

²¹ Manuel López López, “Los catequistas que hoy la iglesia necesita,” *Actualidad Catequética*, nº 233/234 (2012): 124.

ou sacerdotes, mas de toda a comunidade dos fiéis como frisou na exortação apostólica *Catechesi Tradendae* do Papa João Paulo II: “a catequese tem sido sempre e continuará a ser uma obra pela qual toda a Igreja se deve sentir e mostrar responsável” (CT 16). É importante sublinhar que a iniciação cristã é “a inserção progressiva do catequizando no mistério de Cristo e na comunidade da Igreja, sacramento universal de salvação, por meio da fé, celebrada nos três sacramentos de iniciação” (IC 19) e através destes três sacramentos de iniciação: batismo, confirmação e eucaristia, “os fiéis chegam ao seu pleno desenvolvimento, e exercem a missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo” (LG 31).

Por isso, é muito importante sublinhar que o ministério da catequese na Igreja não é algo meramente individual. No entanto, o serviço da catequese, numa Igreja determinada, é um só e realiza-se por meio de muitas gentes, de modo corporativo, cada um com a sua vocação eclesial e o seu carisma: “uma responsabilidade *diferenciada*, todavia *comum*” (CT 16). Assim, a catequese é uma ação educativa realizada pela responsabilidade própria de cada membro da comunidade, num contexto ou clima comunitário rico de relações, com a finalidade de os catecúmenos e os catequizandos se inserirem ativamente na vida da comunidade, ou seja, “esta tarefa consiste fundamentalmente em propiciar um encontro pessoal do catequizando com Cristo”²². O Papa Bento XVI salienta na encíclica *Deus é amor*: “é o encontro pessoal com Cristo o que nos converte em cristãos” (DCE 1).

Ainda que toda a comunidade cristã seja responsável pela catequese e ainda que todos os seus membros devam dar testemunho da fé, só alguns recebem o mandato eclesial de ser catequista. Juntamente com a missão originária que os pais têm em relação aos seus filhos, a Igreja confere oficialmente a determinados membros do Povo de Deus, especificamente chamados, a delicada “missão de transmitir a fé no seio da comunidade” (AA 2). Isto quer dizer que o *sujeito*

²²Sistach, “Escogidos,” 95.

ativo das maiores ações evangelizadoras é a Igreja particular. É ela a que anuncia, a que catequiza, a que batiza, a que celebra a eucaristia. Os agentes da catequese que se põem “ao serviço a este ministério e atuam em nome da Igreja”²³.

O facto de que o ministério catequético seja único, todavia realizado de maneira diferenciada, afeta muito a natureza da catequese, uma vez que esta transmite a fé apoiando-se na palavra e o testemunho de toda a comunidade cristã. É a conjugação da palavra e o testemunho sacerdotal, religioso e laical a que apresenta o rosto completo da realidade eclesial à que os catecúmenos e os catequizados se aderem. “Se se falta alguma destas formas de presença, a catequese perderia parte da sua riqueza e significado” (DGC 219).

1.4 Presbíteros, religiosos e leigos no ministério catequético

Neste corpo coletivo, que serve ao ministério da catequese, os presbíteros, os religiosos e os leigos têm cada um, portanto, o seu posto próprio. Os presbíteros recebem a missão de catequizar pelo ministério sacerdotal mediante o sacramento da ordem: “pelo sacramento da Ordem, os presbíteros são configurados a Cristo Sacerdote como ministros da Cabeça, para a construção e edificação do seu Corpo, que é a Igreja, na qualidade de colaboradores da Ordem episcopal” (PDV 20). Em razão desta configuração ontológica com Cristo, o ministério dos presbitérios é um serviço que plasma a comunidade, que coordena e dá força aos demais serviços e carismas. Em relação à catequese, o sacramento da Ordem constitui os presbitérios em “educadores da fé” (PO 6). Por outro lado, conscientes de que o seu “sacerdócio ministerial” está ao serviço do “sacerdócio comum dos fiéis” (LG 10), os presbitérios devem estimular a vocação e o trabalho dos catequistas, ajudando-os a realizar uma função que brota do Batismo e se exerce em virtude de uma missão que a Igreja lhe confia. Assim, realizam a recomendação do Concílio Vaticano II, quando lhes pede que “reconheçam e promovam a dignidade dos leigos e o seu papel na missão da Igreja” (PO 9).

²³ Burgos, “San Ireneo,” 107.

Em concreto, as tarefas próprias do presbitério, e especificamente do pároco, no que se refere à catequese, são as seguintes: suscitar na comunidade cristã o sentido da *responsabilidade comum* em relação à catequese, como uma tarefa que a todos envolve, bem como suscitar o reconhecimento e o apreço pelos catequistas e pela missão que desempenham; cuidar da *Organização de fundo da catequese* e da sua adequada programação, contando com a participação ativa dos próprios catequistas e estando atento, para que seja “bem estruturada e bem orientada” (CT 64); suscitar e discernir vocações para o serviço catequético e, como catequista dos catequistas, cuidar da sua formação, dedicando a esta tarefa a máxima solicitude; integrar a ação catequética no projeto evangelizar da comunidade, cuidando especialmente da ligação entre catequese, sacramento e liturgia; e assegurar a relação entre a catequese da sua comunidade e os planos pastorais diocesanos, ajudando os catequistas a tornarem-se cooperadores ativos de um projeto diocesano comum.

A experiência prova que a qualidade da catequese de uma comunidade depende, em grande parte, da presença e da ação do sacerdote. De facto, o sacerdote é catequista por antonomásia na sua paróquia. Por isso, compete-lhe “a escolher catequistas, acompanhá-los e possibilitá-los uma formação adequada”²⁴.

Os religiosos, ao ser chamado ao serviço catequético, oferecem contribuição peculiar valiosíssima que deriva da sua condição específica de pessoas consagradas a Deus pela profissão dos conselhos evangélicos. Esta contribuição nasce do testemunho público da sua consagração, que constitui sinal vivo da realidade do Reino: “É a profissão desses conselhos num estado de vida estável reconhecido pela Igreja que caracteriza a vida consagrada a Deus” (LG 44). Ainda que os valores evangélicos devam ser vividos por todos os cristãos, as pessoas de vida consagrada “encarnam a Igreja desejosa de se entregar ao radicalismo das bem-aventuranças” (EN 58). Porém, o testemunho dos religiosos, unido ao testemunho dos leigos mostra a única face da Igreja que é “sinal do Reino de Deus” (VC 7).

²⁴ Iruzubieta, “La catequesis,” 18.

É óbvio que os diversos carismas das comunidades religiosas “enriquecem uma tarefa comum com uns acentos próprios, muitas vezes de grande profundidade religiosa, social e pedagógica” (DGC 229). A Igreja convoca, de modo especial, as pessoas de vida consagrada, para a atividade catequética e deseja “que as comunidades religiosas consagrem o máximo das suas capacidades e das suas possibilidades à obra específica da catequese” (CT 65).

Os leigos colaboram no serviço catequético desde a sua condição peculiar, devido à sua particular condição na Igreja: “o caráter secular é próprios dos leigos (LG 31)”. Os leigos realizam catequese pela sua inserção no mundo, partilhando com as outras pessoas todas as formas de empenhamento e revestindo a transmissão do Evangelho com sensibilidade e conotações específicas: “este modo de evangelizar, proclamando a mensagem de Cristo com o testemunho da vida e com a palavra, adquire um certo caráter específico e uma particular eficácia por se realizar nas condições comuns da vida no mundo” (LG 35). De fato, ao partilhar a mesma forma de vida daqueles que catequizam, os catequistas leigos têm uma sensibilidade própria para incarnar o Evangelho na vida concreta das pessoas. O característico da sua contribuição consiste, com efeito, em que vivem plenamente inseridos nas tarefas seculares: vida familiar, profissional, sindical, política, cultural; isto é, vivem a mesma forma da vida que aqueles a quem catequizam. Deste modo, “os próprios catecúmenos e catequizandos podem encontrar neles um modelo cristão próximo em que projetar o seu futuro como crentes” (DGC 230).

1.5 Os leigos que assumem este ministério

“A vocação do leigo para a catequese brota do sacramento do batismo e é fortalecida pelo sacramento da confirmação, graças aos quais participa da missão sacerdotal, profética e real de Cristo” (DGC 231). Esta é “a vocação *comum* ao apostolado” (AA 2). Todos os crentes têm, em efeito, o dever de confessar a sua fé com a palavra e o testemunho. Porém, além de desta vocação *comum*, alguns leigos sentem-se interiormente chamados por Deus para assumir “a

tarefa de transmitir aos outros a fé”²⁵. É uma vocação específica para assumir o serviço oficial da catequese. A Igreja discerne esta chamada divina e confere aos que “considera aptos a missão de catequizar”²⁶.

Os documentos da Igreja distinguem dois tipos de catequista: “os catequistas a tempo integral e os catequistas a tempo parcial” (AG 17). Isto é, estão entre catequistas diversos graus de dedicação. Muitos catequistas, em efeito, só podem dedicar à catequese um curto espaço de tempo: uma sessão semanal, por exemplo e o fazem durante o período limitado da sua vida: três ou quatro anos. Sendo assim, trata-se uma contribuição muito valiosa porque a maior parte deles colaboram, normalmente desta maneira. Porém, junto a eles, é necessário avançar para uma forma de colaboração mais intensa e estável. Pela colaboração *intensa* pode entender-se, por exemplo, o equivalente a meio dia de trabalho e estável há que entender um compromisso suficientemente dilatado no tempo: de dez a quinze anos, por exemplo.

O Diretório Geral da catequese de 1997 dá muita importância a este compromisso mais *intenso e estável*: “A importância do ministério da catequese, todavia, aconselha que, na diocese, exista um certo número de religiosos e de leigos estável e generosamente dedicados à catequese, reconhecidos publicamente os quais, em comunhão com os sacerdotes e o Bispo, contribuem a dar a este serviço diocesano a configuração eclesial que lhe é própria” (DGC 231). Esta contribuição do Diretório Geral da catequese de 1997 é riquíssima e tem um maior alcance. Aponta a uma institucionalização do compromisso religioso e leigo para o serviço da catequese, de acordo com as prescrições do Código Direito Canónico: “os leigos que sejam considerados idóneos têm capacidade de ser chamados pelos sagrados Pastores para aqueles ofícios eclesiais (*officia*) e encargos (*munera*) que podem desempenhar segundo as prescrições do direito” (CIC 228).

²⁵ Paula Marcela Depalma, “Catequistas para la nueva evangelización,” *Actualidad Catequética*, nº 240 (2013/IV): 116.

²⁶ Jordi D’Arquer I Terrassa, “Acentos en la formación de catequistas, hoy,” *Teología y Catequesis*, nº 81 (2002):78.

As vantagens de institucionalizar o serviço ou encargo de ser catequista nas nossas Igrejas particulares são maiores, porque eles são “porta-voz da Igreja para transmitir a fé”²⁷. Por isso, é a melhor forma de *oficializar* o reconhecimento da comunidade cristã a catequista, secular ou religioso. Outra vantagem clara – e não a mais pequena – é que, enquanto o presbitério, normalmente, e em virtude do seu ministério pastoral, deva atender uma vasta gama de tarefas eclesiais, esses catequistas estáveis exercem esta tarefa eclesial dedicando-se só a ela. Também é importante que as dioceses sustentem economicamente a estes catequistas, desde que não façam dele uma profissão. Não é necessário nem conveniente que esta nova figura, a de catequista estável, quebre artificialmente na nossa cena pastoral, senão apenas na medida em que as necessidades catequizadoras de uma diocese o reclamem. Porém, é duvidoso que muitas dioceses podem ser dotadas destes quadros de religiosos e seculares que, em união de alguns presbíteros mias diretamente responsabilizados da catequese, vão a visibilizar o ministério da catequese numa Igreja particular.

²⁷ Bernardo Álvarez Afonso, “La identidad eclesial del catequista,” *Teología y Catequesis*, nº 81 (2002):50.

2. A Tarefa do Catequista

O catequista, dotado do carisma de mestre, aparece como educador da fé. No entanto, por ser a catequese “uma iniciação integral” (CT 21) o catequista é um mestre que inicia o cristão no mistério de Cristo (Ef 3,4). Trata-se de “capacitar basicamente os cristãos para entender, celebrar e viver o Evangelho do Reino” (CC 34), ou seja, “procurará inicia-los em todos os aspetos da vida cristã” (CF 32).

Em consequência disto, a tarefa própria do ministério catequético consiste em: iniciar organicamente no conhecimento do mistério de Cristo, com toda a sua profunda significação para a vida do homem; introduzir no estilo da vida do Evangelho “e que não é mais que a vida no mundo, porém uma vida segundo as bem-aventuranças” (CT 29); iniciar na experiência religiosa genuína, na oração e na vida litúrgica; e introduzir no compromisso evangelizador, tanto na sua dimensão eclesial como social. Diante destes quatro caminhos, o ministério da catequese leva a cabo a iniciação na vida comunitária da Igreja, de tal maneira que os cristãos “sejam introduzidos na vida da fé, da liturgia e da caridade do povo de Deus” (AG 14), bem como nas “lutas pela justiça e pela construção da paz” (CT 29).

Por isso, o trabalho elabora-se em três dimensões fundamentais que dizem respeito a tarefa do catequistas, a saber: a identificação do catequista com o carácter próprio da catequese; a tarefa que o catequista desempenha é uma tarefa de fundamentação e formação integral; e por fim, o modo como o catequista realiza a sua tarefa.

2.1 Identificação do catequista com o carácter próprio da catequese

Um dos aspetos essencial que configura a identidade do catequista na Igreja é a sua identificação com o carácter próprio da catequese. Na medida em que o catequista descobre e realiza o que é peculiar e específico da tarefa catequética no conjunto da evangelização, a sua identidade como catequista vai-se consolidando. Ser catequista, com efeito, é distinto de ser missio-

nário do primeiro anúncio entre os não crentes. Também não tem que confundi-lo com o animador permanente de uma comunidade cristã. Ser catequista não é o mesmo que ser professor da religião num colégio ou assistente de um grupo apostólico. “A tarefa do catequista na Igreja tem a sua própria especificidade” (IC 44).

Qual é, então, o caráter próprio da tarefa que realiza o catequista? O Papa João Paulo II na exortação apostólica *Catechesi Tradendae* afirma que “a autêntica catequese é sempre uma iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus mesmo fez ao homem em Jesus Cristo, revelação conservada na memória profunda da Igreja e nas Sagradas Escrituras, e comunicada conjuntamente, mediante uma tradição viva e ativa, de geração em geração” (CT 22) e como se explicita no Diretório Geral da Catequese:

Por isso, “a catequese autêntica é sempre iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus fez de Si mesmo ao homem, em Jesus Cristo; revelação esta conservada na memória profunda da Igreja e nas Sagradas Escrituras, e constantemente comunicada, por uma «tradição» (tradição) viva e ativa, de uma geração para a outra” (DGC 66).

No entanto, a catequese de iniciação, sendo orgânica e sistemática, “não pode reduzir-se ao meramente circunstancial ou ocasional” (CT 21); sendo formação para a vida cristã, supera – incluindo-o – o mero ensino (AG 14); e sendo essencial, tem como objetivo aquilo que é “comum” para o cristão, sem entrar em questões discutíveis, nem se transformar em pesquisa teológica. Enfim, sendo iniciação, “incorpora um candidato no mistério de Cristo, morto e ressuscitado, e na Igreja por meio da fé e dos sacramentos” (IC 19). O Catecismo da Igreja Católica afirma que: “a iniciação cristã, como participação na natureza divina” (CCE 1212), “realiza-se mediante conjunto dos três sacramentos: o Batismo, que é o começo da vida nova; a Confirmação, que é a sua consolidação; e a Eucaristia, que alimenta o discípulo com o Corpo e o Sangue de Cristo para ser transformado nele” (CCE 1275). Portanto, realiza, ao mesmo tempo, “tarefas da iniciação, de educação e de ensino” (DGC 104) porque o importante é “iniciar na fé em todas as suas dimensões, unindo o anúncio da palavra, a celebração dos sacramentos e a proposta de

uma nova forma de vida”²⁸. Como explicitam os bispos espanhóis no documento *La Iniciación*

Cristiana:

“a iniciação cristã não se pode reduzir a um simples de ensinamento e de formação doutrinária, senão que tem de ser considerada uma realidade que implica toda a pessoa, a qual há de assumir existencialmente a sua condição de filho de Deus no Filho Jesus Cristo, abandonado o seu modo de viver anterior, enquanto realizada a aprendizagem da vida cristã e entra alegremente em comunhão da Igreja, para ser nela adorador do Pai e testemunho de Deus vivo” (IC 18).

Além disso, dentro do processo evangelizador, “o momento da catequese é o que corresponde ao período em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo, dando uma fundamentação a essa primeira adesão” (DGC 63). Na verdade, os catequizandos necessitam, entre outros acompanhamentos, de um catequista que como mestre lhes ensina os elementos básicos e fundamentais da fé (CF 31) e um padrinho que, com “o seu exemplo e testemunho, lhes ajude a personalizar a fé e a converter-se ao Senhor” (RICA 42). O Papa Francisco no discurso dirigido aos participantes no Congresso Internacional sobre o catequista, testemunha da fé, lembra que “a Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração e aquilo que atrai é o testemunho. Por isso, ser catequista significa dar testemunho da fé e ser coerente na própria vida”²⁹. Na verdade, “um dos traços mais nucleares do catequista consiste em ser testemunho da fé³⁰” e “um testemunho que é capaz de gerar” (PF 7).

O mais peculiar da catequese é, portanto, o acompanhamento no processo iniciático, fundamentadora, do ministério da palavra como afirma o Diretório Geral para a Catequese: “A catequese é aquela forma particular do ministério da Palavra, que faz amadurecer a conversão inicial, até fazer dela uma viva, explícita e operativa confissão de fé” (DGC 82). E o Papa João Paulo II na sua exortação apostólica *Catechesi Tradendae* diz:

“A finalidade específica da catequese, no entanto, não deixa de continuar a ser desenvolver, com a ajuda de Deus, uma fé ainda inicial. E de promover em plenitude e de alimentar quotidianamente a vida cristã dos fiéis de todas as idades. Trata-se, com efeito, de fazer

²⁸ Viñals, “Catequistas,” 49.

²⁹ Papa Francisco, “Discurso a los participantes en el Congreso Internacional de Catequesis, El catequista, testigo de la fe,” *Actualidad Catequética*, nº 240 (2013/IV): 19.

³⁰ Gregorio Aboín Martín, “El catequista, testigo de la fe,” *Teología y Catequesis*, nº 137 (2017): 117.

crescer, no plano do conhecimento e da vida, o germen de fé semeado pelo Espírito Santo, com o primeiro anúncio do Evangelho, e transmitido eficazmente pelo Batismo” (CT 20).

Assim, a catequese de iniciação é “o elo necessário entre a ação missionária, que chama a fé, e a ação pastoral, que alimenta continuamente a comunidade cristã” (DGC 64). Na verdade, “o crescimento interior da Igreja, a sua correspondência aos desígnios de Deus, dependem essencialmente da catequese” (CT 13). Neste sentido, a catequese deve ser considerada como “uma tarefa necessária e primordial dentro da missão evangelizadora da Igreja” (CC 35). Em consequência, na situação da nova evangelização, muito alargada a toda a Igreja, a tarefa do catequista deverá “atender à necessidade da conversão que têm muitos batizados, que acedem à catequese” (CT 19). É a tarefa que corresponde “ao pré-catecumenado ou à pré-catequese e se realiza por meio de uma catequese querigmática, que é a proposta da boa nova com vistas a uma opção de vida sólida de fé” (DGC 62).

Além disso, completando a iniciação cristã, é “necessário também a educação permanente da fé no seio da comunidade eclesial” (DGC 69). A educação permanente da fé dirige-se “não apenas a cada cristão, para acompanhá-lo no seu caminho para a santidade, senão também à comunidade cristã, enquanto tal, para amadurecer tanto na sua vida interna de amor a Deus e aos irmãos, como na sua abertura ao mundo como comunidade missionária” (DGC 70). Hoje em dia, uma educação básica da fé não basta, há que continuar alimentando-a permanentemente. Por isso, a catequese dispõe de formas apropriadas para fazê-la, no fundo, por meio da chamada catequese ocasional. Em relação a esta dimensão de educar a fé, os bispos Espanhóis no documento *Custodiar, Alimentar y Promover la Memoria de Jesu Cristo*, afirmam que:

“A Igreja como mãe não só gera filhos de Deus pelo batismo, senão também pelo cuidado, pela educação e pelo desenvolvimento dessa vida de fé que receberam no batismo. Pela catequese, a Igreja cuida e ajuda a crescer na fé os batizados. Por meio da espiritualidade, a Igreja acompanha os catequizandos, ou no seu caso os catecúmenos, e lhes mostram a beleza da fé, lhes põe no caminho para o encontro com Jesus Cristo e lhes facilita os meios para aderir a Ele e segui-lo. Neste processo catequético, sacramental e espiritual, a pessoa acolhe a pergunta vocacional, cuja resposta implica a eleição de estado na Igreja e no mundo” (CAP 9).

Três são, portanto, as formas básicas da catequese: catequese querigmática, catequese da iniciação e catequese ocasional. A sua função mais própria e peculiar é a de iniciação, isto é, a que tem por objetivo lançar os fundamentos da fé. Por isso, a catequese de hoje chama a sublinhar a dimensão mistagógica que lhe é inata. Contudo, não haverá “catequese mistagógica se não houver catequistas mistagogos”³¹. Neste sentido, é necessário que o catequista potencie a sua capacidade de introduzir no mistério cristão aqueles que se iniciam na fé porque o verdadeiro desafio que tem para formar os catequizandos é ser verdadeiro mistagogo, isto é, “ser verdadeiro conhecedor do mistério divino que se revela em Jesus Cristo e ser testemunho e guia que conduz para ele”³².

2.2 *Uma tarefa de fundamentação e formação integral*

Por a catequese ser uma iniciação à vida cristã, o catequista procura por desenvolver um processo de fundamentação básica da fé, seja com crianças, com jovens ou com adultos. Como afirmam os bispos espanhóis no documento *El Catequista y su formación* “o catequista, dotado do carisma de mestre, aparece como o educador básico da fé” (CF 31). O catecismo da Igreja católica também afirma que “pelos sacramentos da iniciação cristã são lançados os alicerces da vida cristã” (CCE 1212). Por outras palavras, a tarefa própria do catequista consiste em pôr os fundamentos da fé em todo aquele que se vê cativado pelo evangelho. Sabendo que “a vocação do catequista brota do seu batismo em que é ungido como profeta para anunciar a Boa Nova do Senhor” (CF 49). Contudo, “o seu ministério catequético responde a uma vocação específica, a uma chamada de Deus que lhe confia a missão de acompanhar outros na construção dos fundamentos da sua vida espiritual cristã” (CF 48). Com efeito, a função do catequista está relacionada “com a de ser instrutor” cf. (RICA 48), “educador dos elementos básicos e fundamentais da fé” (CF 31). Trata-se “da transmissão das certezas sólidas e inamovíveis da fé e da educação

³¹ Juan Carlos Carvajal Blanco, “El catequista, mistagogo de la fe,” *Teología y Catequesis*, nº 137 (2017): 137.

³² Blanco, “El catequista,” 139.

dos valores evangélicos mais fundamentais” (cf. CA 226). Neste sentido, o Espírito serve-se do catequista para fortalecer a vida cristã do convertido porque Ele é “alma e pedagogo da catequese, ou seja, o princípio inspirador de todas as atividades catequéticas ” (CT 72). Ele é, portanto, “o alento da vida e toda a missão da Igreja, resulta também da sua tarefa catequética³³”.

Além disso, o catequista, sendo instrutor, serve como mediador na comunicação entre Deus e o catecúmeno, possibilitando o encontro entre ambos, a recepção da palavra e a aceitação da mesma: “na realidade, favorece o encontro de uma pessoa com Deus, é a tarefa do catequista, significa pôr no centro e fazer a própria relação que Deus tem com a pessoa para se deixar guiar por Ele” (DGC 139). Ao mesmo tempo, facilita a comunicação entre os catecúmenos e a comunidade cristã: “o catequista é intrinsecamente um mediador que facilita a comunicação entre as pessoas e o Mistério de Deus, assim como entre os homens entre si e a comunidade” (DGC 159). Ambas as mediações são fundamentais no processo iniciatório. O catecúmeno deve crescer na sua intimidade e comunhão com Cristo, realidade que só pode alcançar unida à comunidade da fé na qual recebe os dons divinos. Junto a ele, o ministério do catequista exige “participar nos ritos próprios do catecumenado” (RICA 48). Efetivamente, quem acompanha no ensino da fé deve estar junto aos iniciados nos momentos celebrativos, em que a graça atualiza na vida destes os mistérios que vão conhecendo e interiorizando na catequese. Em resumo, “o papel do catequista concretiza-se no acompanhamento para a instrução da fé, na mediação para comunhão com o Senhor e com a comunidade, e na participação litúrgica nos ritos iniciatórios”³⁴.

Ele é, portanto, um formador de base que facilita a educação dos fundamentos da fé. Trata-se de uma tarefa paciente, silenciosa, humilde, tenaz (EG 165) e não tem a espetacularidade do conferencista brilhante ou a do professor erudito. Tem sim a gratificação de se saber e sentir formador integral dos cristãos. O seu papel é o de um educador de pessoas, um formador

³³ Peñalba, “El Espíritu Santo”, 41.

³⁴ Galván, “El catequista,” 175.

de testemunhas do Reino. Não se trata de alardear comunicando as últimas aquisições da ciência teológica; a outros corresponderá essa tarefa. O catequista centra-se, antes, na transmissão daquelas certezas simples, porém sólidas da fé, na educação dos valores evangélicos mais fundamentais. Neste sentido, necessita-se que “um catequista seja mestre e educador, e sobretudo, testemunha da fé”³⁵.

Esta formação básica e fundamental é, todavia, integral, e está, portanto, “aberta a todas as esferas da vida cristã” (CT 21). Esta formação integral que a catequese proporciona tem um ponto de partida e um ponto da chegada: “parte da conversão inicial do cristão e conduz à confissão da fé” (CF 33). A tarefa do catequista consiste, portanto, em “fazer madurecer a conversão inicial para fazer dela uma viva, explícita e operante confissão da fé” (MPD 8). Desta forma, “a catequese ao educar e tocar no ponto mais nuclear e comum da fé cristã, está ao serviço da unidade da confissão da fé” (CF 33). Por isso, na catequese tem de ensinar a conhecer a fé, a vivê-la, a celebrá-la e a anunciá-la. Os bispos sinodais no documento “Mensagem ao Povo de Deus sobre a catequese no nosso tempo” salientam que “em toda a catequese integral é preciso associar de maneira indissolúvel o conhecimento da Palavra de Deus, a celebração da fé nos sacramentos e a confissão da fé na vida quotidiana” (MPD 11). O catequista, em consequência, não é um especialista num determinado aspeto do cristianismo, senão um iniciador em todas as dimensões ou aspetos da fé. É como um mestre básico da fé que proporciona “a primeira educação integral, a mais elementar, mas seguramente a mais duradoira” (CT 21).

Só quando esta base está bem assegurada é que entra em jogo a questão da educação permanente, através de formas muitas variadas. “Em diversas regiões é chamada também catequese permanente” (DGC 51; IC 21). Porém, no seu sentido mais próprio, a catequese, como se diz, é sempre iniciação. Aqui reside toda a grandeza do catequista. Outros agentes educativos

³⁵ Viñals, “Catequista,” 50.

virão depois a construir sobre o seu trabalho. Ele limita-se a pôr os fundamentos do nosso edifício espiritual. No entanto, todo o mundo sabe que a solidez de uma casa depende da qualidade do seu cimento.

2.3 O modo de o catequista realizar a sua tarefa

O catequista segue e imita Jesus justamente como mestre, uma vez que “é somente em profunda comunhão com Ele que os catequistas encontrarão luz e força para uma desejável renovação autêntica da catequese” (CT 9). Este seguimento e imitação da pessoa de Jesus e do seu ministério constitui para o catequista “o modelo determinante de toda a sua tarefa” (CF 52). É por isso que ele deve inspirar-se no próprio Jesus, formador dos seus discípulos, para realizar a sua tarefa: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos” (Mt 28,19). Ele tem que “querer assemelhar-se de todo a Jesus, através de um processo que não pode ser meramente externo-imitativo, senão interior-configurativo”³⁶. O que significa que “o catequista só pode ser ícone de Jesus se ele mesmo, na sua vida, é «janela aberta, imagem viva», pela qual o mesmo Senhor chega aos catecúmenos”³⁷. Os evangelhos apresentam-no “anunciando, certamente, a boa notícia às multidões, mas dedicando igualmente aos discípulos, uma formação especial, uma educação mais profunda” (CF 53). Esta preparação dos discípulos foi uma verdadeira catequese. Jesus educa os seus discípulos de uma forma nova, distinta do que utilizavam os mestres da sua época. E é, precisamente, essa nova maneira de educar a que há-de inspirar o catequista na sua tarefa. O *Directório Geral para a Catequese* propõe de forma sintética a obra formadora de Jesus com os seus apóstolos e discípulos:

“Jesus cuidou atentamente da formação dos discípulos que enviou em missão. Propôs-Se a eles como único Mestre e, ao mesmo tempo, amigo paciente e fiel, exerceu um real ensinamento mediante toda a sua vida, estimulando-os com oportunas perguntas, explicou-lhes de maneira aprofundada aquilo que anunciava à multidão, introduziu-os na oração, mandou-os fazer um tirocínio missionário, primeiro prometeu e depois enviou o Espírito de seu Pai, para que os guiasse à verdade na sua totalidade, e os amparou nos inevitáveis momentos difíceis. Jesus Cristo é o «Mestre que revela Deus aos homens e revela o homem a si mesmo; o Mestre que salva, santifica e guia, que está vivo, fala, desperta, comove, corrige,

³⁶ Félix, “El catequista,” icono del magisterio de Jesus,” *Teología y Catequesis*, nº 137 (2017): 94.

³⁷ Félix, “El catequista,” 94.

julga, perdoa e marcha todos os dias connosco, pelos caminhos da história; o Mestre que vem e que há-de vir na glória». Em Jesus Senhor e Mestre, a Igreja encontra a graça transcendente, a inspiração permanente, o modelo convincente para toda comunicação da fé” (DGC 137).

De facto, Jesus ensina a multidão por meio das parábolas (Mc 4,2), mas aos discípulos ensina-lhes a ficar em sós com Ele, para lhes explicar o conteúdo delas (Mc 4,10). É um ensinamento especial e mais profunda que conduz à compreensão e interiorização dos mistérios do Reino: “a vós é dado conhecer o mistério do Reino de Deus, mas aos que estão de fora, tudo se lhes propõe em parábolas” (Mc 4,11). Perante esta catequese, Jesus introduz a seus discípulos nas diferentes dimensões da Boa Nova: “ensina-lhes a escutar a Palavra viva de Deus, “a Palavra do Reino” (Mt 13,19) a fim de que todos cheguem realmente a ser “discípulos de Deus” (Jo 6,45) e explicita-lhes os mistérios deste Reino mostrando-lhe os pecados dos homens, as suas raízes profundas e a necessidade que têm de se converter radicalmente a Deus. Ensina-lhes também a nova justiça cujas exigências estão resumidas no “Sermão da Montanha” (Mt 5,1-48). No momento oportuno, quando os discípulos lhe pedem, “Jesus ensina também a orar” (Lc 11,1-4). Por fim, partilha com eles a sua própria missão e “envia-os a evangelizar, iniciando-os no compromisso missionário” (Lc 10,1). Esta é a catequese de Jesus aos seus discípulos que é também uma formação integral e um modelo para todo o catequista. Além disso, Jesus tinha uma preocupação missionária constante. O seu contacto com as pessoas tem sempre em busca a conversão. Nunca se satisfaz com cuidar só das ovelhas do redil. A sua preocupação é sempre a “ovelha que estava fora” (Lc 15,6). Igualmente, a palavra do catequista, imitador de Jesus, será sempre uma palavra missionária, de interesse pelos que vivem fora ou à margem da fé (CC 49).

O mais importante é, portanto, saber catequizar a partir dos fundamentos da vida religiosa. Isto é, “ensinar de uma forma nova que cativa e atrai” (CF 54). Esta forma de fazer catequese só é possível mediante o exemplo da própria vivência religiosa do catequista ao catecúmeno. Outra característica da maneira de Jesus educar é que a sua mensagem nunca era asséptica, mas

interpelador. Jesus tem um estilo de ensinar muito próprio, “sabendo tocar o coração e a mente das pessoas”³⁸. As suas palavras ficam gravadas em quem as escuta. São breves e concisas, porém, cheias de verdade e sabedoria, pronunciadas com autoridade, obrigando os ouvintes a escutar com atenção e a apressam a conversão. Catequizar é sempre convidar a definir-se, a optar, a comprometer-se. Jesus sabia dirigir-se àquela zona das pessoas, ao coração, donde brotam as decisões, os disparos da postura, os compromissos existenciais. Ele propõe com humildade a Sua mensagem, respeitando sempre a liberdade e o ritmo dos seus ouvintes e seguidores. Não é tanto a força, senão a qualidade da sua mensagem, vestida pelo modo de vida e serviço, o que convence. “A sua palavra e os seus gestos dão-lhe a credibilidade e a autoridade. Os valores das Suas propostas ganham a força e a autoridade não como império, senão como serviço generoso, autêntico e total às pessoas e a Deus”³⁹.

O catequista, seguindo a Jesus, deve “ter a preocupação de tornar as pessoas atentas às suas experiências de maior importância, tanto pessoais como sociais e também é seu dever esforçar por submeter à luz do Evangelho os problemas daí resultantes, de maneira a estimular nas próprias pessoas um justo desejo de transformar a própria maneira de viver” (CT 29). Recorde-se, por exemplo, o diálogo de Jesus com a samaritana e a sua verdadeira sede (Jo 4, 5-42). Na conversa com ela, vemos como Jesus soube captar a força mais sensível daquela mulher, aquilo que realmente a estava sensibilizar mais. Junto à sua profundidade religiosa, Jesus falava com uma sensibilidade especial para com os mais pobres. Inclusive nas suas conversas com os ricos, a referência “aos que mais sofrem era constante” (Lc 21, 1-4). É muito importante, por isso, que o catequista deixe transparecer essa mesma sensibilidade, fruto de uma opção preferencial pelos mais pobres. A problemática dos que mais sofrem tem “de estar constantemente presente na boca de todo o catequista” (EG 198).

³⁸ Miguel Ángel Medina Escudero, “Jesús, Maestro que revela la verdad de Dios y del hombre,” *Teología y Catequesis*, nº 137 (2017):15.

³⁹ Escudero, “Jesús,” 15.

Finalmente, é fundamental que a palavra do catequista esteja apoiada pelo testemunho da sua vida. Jesus assim o fazia: “mesmo que não creiam em mim, creiam nas obras” (Jo 10,38). Ele é “mestre em todo o momento da sua vida e o seu ensinamento não é só a transmissão de ideias abstratas, mas comunicação de vida”⁴⁰. No que diz respeito a dimensão testemunhal de Jesus, o Papa João Paulo II na sua exortação apostólica *Catechesi Tradendae* afirma que:

“a Majestade de Cristo quando ensinava, a coerência e a força persuasiva únicas do seu ensino, não se conseguem explicar senão porque as suas palavras, parábolas e raciocínios nunca são separáveis da sua vida e do seu próprio ser. Neste sentido, toda a vida de Cristo foi um ensinar contínuo: os seus silêncios, os seus milagres, os seus gestos, a sua oração, o seu amor pelo homem, a sua predileção pelos pequeninos e pelos pobres, a aceitação do sacrifício total na cruz pela redenção do mundo e a sua ressurreição, são o atuar-se da sua palavra e o realizar-se da sua revelação. De modo que, para os cristãos, o Crucifixo é uma das imagens mais sublimes e mais populares do Jesus que ensina” (CT 9).

Por isso, sem o apoio testemunhal, a palavra do catequista ressoará a falso, será uma palavra que não diz nem dá “o testemunho que é o coração da missão”⁴¹.

⁴⁰ Félix, “Ícono,” 95.

⁴¹ Juan Carlos Carvajal Blanco, “El testimonio, corazón de la misión,” *Teología y Catequesis*, nº 133 (2015): 65.

3. Identidade do Catequista

O catequista prepara-se, em última instância, para se integrar no único ministério catequético da Igreja particular. E atuar em seu nome é precisamente a razão decisiva da sua formação numa perspectiva diocesana. Além disso, uma formação planeada nesta perspectiva, é sem dúvida, a melhor garantia de que se consegue em sintonia com a natureza e missão da Igreja universal.

No entanto, a formação dos catequistas deve preceder uma “análise da situação” (DGC 266), que comporte “os diversos aspetos” (DGC 233), ultrapassando o âmbito das comunidades cristãs imediatas e para atingir um nível mais amplo: o diocesano. Deste ponto de vista, a formação adapta-se melhor às diferentes “situações concretas” (DGC 122), já que mediante uma visão conjunta se pode aperceber melhor a peculiaridade de cada zona na diocese. A partir desta ampla análise da situação, a formação dos catequistas responderá melhor às exigências do momento presente: “é necessário que os anunciadores do Evangelho aprendam a descobrir as possibilidades abertas a sua ação numa situação nova e diversa” (DGC 32).

Além disso, a formação dos catequistas compreende diversas dimensões, a saber: a dimensão do ser, isto é, refere essencialmente à dimensão humana e cristã do catequista; a do saber requer que o catequista conheça adequadamente a mensagem que transmite; e por fim, a do saber fazer tende a fazer do catequista um “educador da pessoa humana e da vida da pessoa na fé” (CT 22).

Por isso, neste capítulo abordam-se os seguintes temas: um novo contexto social e eclesial, qual o tipo de catequistas de que hoje a Igreja necessita: catequistas com uma fé profunda, catequistas firmes na sua identidade cristã, catequistas com preocupação missionária e catequistas com profunda preocupação social.

3.1 *Um novo contexto social e eclesial*

A Igreja nos dias de hoje enfrenta novos desafios que leva a questionar-se novamente sobre o sentido das suas ações de anúncio e de transmissão da fé. Por isso, “a nova evangelização leva a Igreja a examinar o modo com o qual as comunidades cristãs atualmente vivem e testemunham a sua fé” (IL 51). É evidente que a tarefa de evangelizar todas as pessoas constitui a missão essencial da Igreja e de fato, evangelizar constitui “a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade” (EN 14).

De facto, a nova evangelização é um instrumento pelo qual é possível enfrentar aos desafios de um mundo em acelerada transformação. Além disso, é o caminho para viver o dom de ser congregados pelo Espírito Santo a fim de realizar a experiência de Deus, que é nosso Pai, “dando testemunho e proclamando a todos a Boa Nova- o Evangelho- de Jesus Cristo”⁴². Trata-se de uma atitude, um estilo audaz, a capacidade do cristianismo de saber ler e decifrar os novos cenários sociais, culturais, económicos, políticos e religiosos, que nestas últimas décadas constituem a história humana.

A singularidade e novidade da situação em que o mundo e a Igreja se encontram e as exigências que delas se derivam faz com que a evangelização requeira hoje um programa também novo que pode definir-se no seu conjunto como “nova evangelização”, porque “Só uma nova evangelização poderá garantir o crescimento de uma fé límpida e profunda, capaz de converter tais situações numa força de liberdade autêntica” (ChL 34). Na verdade, evangelizar é o dever e a razão de ser e de existir da Igreja: “a Igreja existe para evangelizar e tem o dever da evangelização e é o serviço de todos os cristãos”⁴³. Paulo VI acentua na sua exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*: “a apresentação da mensagem evangélica não é para a Igreja uma contribuição facultativa: é um dever que lhe incumbe, por mandato do Senhor Jesus, a fim de que os homens possam acreditar e ser salvos” (EN 5). Porém, a nova evangelização não consiste em

⁴² López, “Los catequistas,” 123.

⁴³ López, “Los catequistas,” 123.

buscar as estratégias eficazes, senão um questionar-se a Igreja sobre o seu ser e o seu viver, para compreender o problema da infecundidade da evangelização e da catequese porque “evangelizar é a razão de ser e de existir da Igreja”⁴⁴ e a Igreja reconhece-se a si mesma como fruto da evangelização. Na XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”, os bispos sinodais afirmam que “nova evangelização significa dar razões da nossa fé, comunicando o *Logos* da esperança ao mundo que aspira à salvação” (IL 167).

Num mundo globalizado, com mudanças socioculturais, a Igreja deve revitalizar a sua missão no anúncio e na proclamação do Evangelho, centrada em Jesus Cristo, através “dos novos caminhos que possibilitam a renovação da vida espiritual das Igrejas locais e o diálogo com as culturas contemporâneas⁴⁵”. Nós estamos numa época de profunda secularização, que perde a capacidade de escutar e de compreender a palavra evangélica como uma mensagem viva e vivificadora. A secularização entra na vida dos cristãos e das comunidades eclesiais, influenciando ou condicionando os seus modos de viver com uma mentalidade hedonista e consumista, em contradição com o Evangelho e a doutrina da Igreja, conduzindo-lhes à superficialidade e egocentrismo, o que provoca uma atrofia espiritual e um vazio de coração, pelo que “se necessitam de uma verdadeira e autêntica *missio ad gentes*” (RMi 37), pois observa-se “uma espécie de interpretação secularista da fé que provoca uma profunda crise da consciência e da prática moral cristã” (cf. EE 46). Assim, a nova evangelização é um desafio estimulante para as nossas comunidades cansadas e débeis para descobrir novamente a alegria da experiência cristã e reencontrar “o amor que antes abandona” (cf. Ap 2,4) porque “só reconhecimento de Deus é a chave da cultura e o fundamento imprescindível da fidelidade e a prosperidade humana⁴⁶”. No entanto, a globalização pode ser contemplada negativamente se a vinculamos somente à dimensão económica e produtiva. E é positiva quando se desenvolve novos modos de

⁴⁴ López, “Los catequistas,” 124.

⁴⁵ López, “Los catequistas,” 124.

⁴⁶ López, “Los catequistas,” 126.

solidariedade e de progresso para o bem de todos. Por isso, “a nova situação social, fruto da globalização, exige aos cristãos um forte discernimento pelo facto de existir ambientes estranhos à fé, isto porque nunca encontram a fé ou se afastam dela”⁴⁷.

Na verdade, existe no mundo de hoje o lugar que pode ser alcançado e sujeito do influxo da cultura dos meios da comunicação e da cultura digital, que permita maior informação e conhecimento, intercâmbios, formas novas de solidariedade, e a construção duma cultura mais mundial em que “os valores e melhores frutos do pensamento e da expressão humana se convertam em património de todos”⁴⁸. Não obstante, também pode esconder riscos, como cultura efémera ou do instante, criando “uma sociedade incapaz de memória e de futuro”⁴⁹. Neste contexto, a nova evangelização exige aos cristãos a audácia para estar presente nestes “novos areópagos”, donde se possa transmitir e fazer compreensível o património de educação e de sabedoria guardado pela tradição cristã⁵⁰.

Hoje, não deixamos de admirar pelos maravilhosos passos que a investigação científica e tecnológica nos proporciona novidades incessantes (LS 102). Porém, muitas vezes caímos na tentação de dependermos de tais benefícios. A ciência e a tecnologia correm o perigo de converter-se em novos ídolos do presente. É fácil fazer da ciência uma nova religião, à que dirige as nossas perguntas sobre a verdade e o sentido da esperança, recebendo só respostas parciais e inadequadas.

Em consequência, a nova evangelização significa trabalhar nas nossas igrejas locais para construir caminhos que permitam traduzir a esperança do Evangelho em termos praticáveis, isto é, a Igreja edifica-se aceitando os desafios e as sendas da civilização do amor. Do mesmo modo, é ter audácia de formular a questão acerca de Deus, realizando o específico da missão da Igreja, não permanecendo fechados nos cantos das nossas comunidades e das nossas institui-

⁴⁷ López, “Los catequistas,” 127.

⁴⁸ López, “Los catequistas,” 127.

⁴⁹ Depalma, “Catequistas,” 113.

⁵⁰ López, “Los catequistas,” 127.

ções, senão aceitando o desafio de entrar dentro destes fenômenos para tomar a palavra e oferecer o nosso testemunho desde dentro: “aceitando a confrontação com o ateísmo ou o secularismo, cuja finalidade é explicar a questão de Deus na vida do homem”⁵¹.

Por último, a nova evangelização consiste em que todos os cristãos, unidos, manifestam ao mundo a força profética e transformadora da mensagem evangélica. O ser cristão, o viver a fundo das exigências das relações, não pode ser algo accidental na vida, obrigando a viver a vida cristã com novas exigências. Estas exigências não têm de ser vividas como uma carga, senão como uma glória. Se queremos ter crentes renovados, a prioridade devemos pô-la em alcançar crentes preparados, já que qualquer atividade pastoral que não conta para a sua realização com as pessoas verdadeiramente formadas e preparadas necessariamente ficará sem valor:

“Importa sobretudo preparar bons catequistas, catequistas paroquiais, mestres e pais, que se demonstrem cuidadosos em se aperfeiçoar constantemente nesta arte superior, indispensável e exigente do ensino religioso, Além disso, sem minimamente negligenciar, seja em que aspeto for, a formação religiosa das crianças, verifica-se que as condições do mundo atual tornam cada vez mais urgente o ensino catequético, sob a forma de um catecumenato, para numerosos jovens e adultos que, tocados pela graça, descubrem pouco a pouco o rosto de Cristo e experimentam a necessidade de a ele se entregar” (EN 44).

Por conseguinte, tem que se preparar o catequista para que seja mestre, educador, e testemunho e para que saiba situar a sua ação catequética dentro da ampla tarefa comum da evangelização. Assim, na formação temos de ter em consideração “três aspetos fundamentais: o ser, o saber e saber fazer, ou seja, o aspeto do crescimento espiritual, o conhecimento doutrinal e o desenvolvimento pedagógico⁵²”. A necessidade destes três aspetos impõe-se porque o catequista é “o catecismo vivo e a voz do catecismo⁵³”.

⁵¹ López, “Los catequistas,” 129

⁵² Óscar García, “Experiencia de formación de catequistas en la parroquia: qué formación necesitan los catequistas,” *Actualidad Catequética*, nº 246 (2016): 137.

⁵³ Subcomisión Episcopal de Catequesis, “Guía básica del catecismo para catequistas,” *Actualidad catequética*, nº 129/220 (2008/III-IV): 160.

3.1.1 Ser

A mais profunda formação do catequista refere-se ao próprio ser do catequista, à sua dimensão humana e cristã, isto é, “uma formação que ajuda o crescimento do catequista no seu ser, na sua dimensão humana, cristã e apostólica” (DGC 237). Na verdade, o ser é “a dimensão mais profunda do catequista porque faz referência à sua dimensão humana e cristã e ajuda-lhe a ser maduro, sobretudo, como pessoa, como crente e como apóstolo”⁵⁴.

Na dimensão humana, o catequista pretende ser “um especialista na humanidade”⁵⁵. Isto significa que o catequista seja uma pessoa com a sensibilidade imediata em todo aquele que afeta a dignidade humana e aos valores fundamentais da vida, disposto a enfrentar-se às contradições de uma sociedade pluralista e conflituosa. O catequista deve viver profundamente enraizado no seu ambiente, próximo e solidário com a agente concreta do seu redor, “disposto a partilhar alegrias e esperanças, os êxitos e fracassos, as tristezas e as satisfações de quantos que vivem perto dele, mostrando-se particularmente próximo aos pobres e necessitados de qualquer classe e condição”⁵⁶. Tratar-se-á de ajudar o catequista a crescer no respeito e no amor para com os catecúmenos e catequizando: “E de que género é essa afeição? Muito maior do que aquela que pode ter um pedagogo, é a afeição de um pai, e mais ainda, a de uma mãe. É uma afeição assim, que o Senhor espera de cada pregador do Evangelho e de cada edificador da Igreja” (EN 79).

Na dimensão cristã, o catequista deseja ser “especialista na fé da igreja”⁵⁷, ou seja, que o catequista conheça suficientemente a mensagem cristã que anuncia. Neste sentido, a formação deverá estar atenta para que o exercício da catequese alimente e robusteça a fé do catequista, ajudando-o a crescer como crente. Por isso, a verdadeira formação alimenta, sobretudo, “a espiritualidade do próprio catequista” (ChL 60), de maneira que a sua ação nasça, na verdade, do

⁵⁴ López, “Los catequistas,” 130.

⁵⁵ Juan Luis Martín Barrios, “Relectura de «El catequista y su formación»,” *Actualidad catequética*, nº 233/234 (2012/I-II): 151.

⁵⁶ Barrios, “Relectura,” 151.

⁵⁷ Barrios, “Relectura”, 152.

testemunho da própria vida. Cada conteúdo que o catequista transmite deve alimentar, em primeiro lugar, a sua própria fé, isto é, o catequista catequiza os outros catequizando-se primeiramente a si mesmo: “o catequista deve formar-se no amadurecimento da própria fé, já que só partindo de uma viva experiência da fé se pode transmitir a fé aos outros”⁵⁸. Além disso, ele deve ser uma pessoa da memória, que recorda e atualiza para as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos de hoje, a fé da Igreja. Portanto, o catequista tem de ser uma pessoa de comunhão com a Igreja universal, católica, que é comunhão de comunidades unidas entre si pelo vínculo de “um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai” (Ef 4,5-6).

Por fim, na dimensão apostólica o catequista pretende ser um “companheiro no caminho”⁵⁹. Isto significa que o catequista como o peregrino de Emaús, que, na medida que avança com o grupo, o ajuda a desvendar o sentido evangélico dos acontecimentos extraordinários ou a fazer uma leitura crente das realidades mais comuns. Neste sentido, o catequista é um cristão chamado por Deus para servir o evangelho. Por isso, ele deve conhecer e viver os projetos de evangelização específicos da sua Igreja diocesana e da sua paróquia, para estar em sintonia com a consciência que a Igreja particular tem da sua missão. A melhor maneira de alimentar esta consciência apostólica é identificar-se com a figura de Jesus Cristo, mestre e formador dos discípulos, procurando tornar seu o mesmo zelo pelo Reino que Jesus Cristo manifestou.

Por tudo isto, as características das vocações na Bíblia, Deus chama a partir de uma situação concreta e chama para uma missão: anunciar a Sua Palavra, são também “as características da vocação do catequista que hoje a Igreja necessita”⁶⁰. O que faz falta é redescobrir, potenciar e viver. De facto, Deus chama a partir de uma situação concreta e a origem da vocação como cristão está na tomada da consciência de uma situação determinada em relação com a comunidade: “Ali, um dia Deus faz sentir a inquietude preocupante e pressionante de colaborar com Ele no seu plano da salvação dos homens, como aconteceu com Moisés” (Ex 3,1-7).

⁵⁸ Ángel Rubio Castro, “La formación de catequistas,” *Actualidad Catequética*, nº 233/234 (2012/I-II): 196.

⁵⁹ Barrios, “Relectura”, 152.

⁶⁰ López, “Los catequistas,” 130.

Contudo, toda a vocação tem uma dimensão missionária. Este chamamento está unido à atração produzida por Deus no coração de todo o cristão ao descobrir na profundidade o Evangelho, embora este chamamento provoque certo “medo pela incapacidade e insuficiência da própria realidade pessoal, como o tiveram os profetas” (Ex 4,1). A resposta que o crente deve dar ao chamamento de Deus deve ser a partir da fé, pois humanamente nunca se sente preparado. A vocação a ser crente não provem da própria vontade, ou seja, é Deus quem nos chama, é Ele quem tem iniciativa. O ser crente é um dom de Deus (2 Tim 1,9). Por isso, é abertura a Deus Uno e Trino. O que significa que o catequista deve desejar-se atrair ao “Pai que comunica a Palavra; o Cristo, Verbo Encarnado, que pronuncia as palavras que ouve do Pai; e ao Espírito Santo que ilumina a mente para fazer compreender a Palavra e entusiasmar o coração para amala e pô-la fielmente em prática “ (Mt 11,27).

Tudo isto não é possível se não se é guiado pelo Espírito Santo. Ele é quem o guia, apoia e sustenta em todo o que faz. Tem que retomar esta convicção que nos diz João: “o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós é que o conheceis, porque permanece junto de vós, e está em vós” (Jo 14,17). O que o catequista comunica não tem de ser uma ciência meramente humana, nem tão pouco o resumo das suas opiniões pessoais, senão o conteúdo da fé da Igreja, única em todo o mundo, que ele já vive, experimenta e da qual é testemunha. Ser crente é uma forma de viver a vida. Por isso, a tarefa do catequista compromete toda a sua vida, isto é, “tem aparecer evidente que o catequista, antes de anunciar a Palavra, a faz sua e a vive como Jesus Cristo” (EN 7).

3.1.2 Saber

Esta dimensão, penetrada da dupla finalidade à mensagem e à pessoa humana, requer que o catequista conheça bem “a mensagem que transmite e, ao mesmo tempo, o destinatário que a recebe e no contexto social em que vive”⁶¹. O catequista deve “saber para desempenhar bem a

⁶¹Terrassa, “Acentos,” 80-81.

sua tarefa e transmitir com fidelidade a mensagem cristã” (DGC 238). Portanto, é “indispensável que conheça em profundidade cada uma das verdades da fé, que o Catecismo da Igreja Católica bem sintetiza” (DGC 236).

Além de ser testemunha, o catequista deve “ser mestre, que ensina a fé”⁶². Deste modo, “ele necessita conhecer as fontes donde nasce a vida cristã, para poder pôr a quem se inicia em contacto com estas fontes: a Revelação de Deus e a fé com a que o povo de Deus responde à Revelação”⁶³. Assim, uma formação bíblico-teológica fornecer-lhe-á um “conhecimento orgânico da mensagem cristã, articulada pelo mistério central da fé, que é Jesus Cristo” (CF 110). O conteúdo desta formação doutrinal é exigido pelas diversas partes, que compõem todo o projeto orgânico da catequese, a saber, “as três grandes etapas da história da salvação: o Antigo Testamento, a vida de Jesus Cristo e a história da Igreja e os grandes núcleos da mensagem cristã: o símbolo, a liturgia, a vida moral e oração” (CF 129). Ao seu nível de ensino teológico, o conteúdo doutrinal da formação de um catequista é o mesmo que a catequese deve transmitir. Por sua vez, “a Sagrada Escritura que deverá ser como que a alma desta formação” (cf. DGC 240) uma vez que “desconhecer a Sagrada Escritura é desconhecer a Cristo” (DV 25) como sublinha na Congregação para a Evangelização dos Povos a importância primordial da Sagrada Escritura na formação dos catequistas: “a Sagrada Escritura deve continuar a ser sujeito principal do ensinamento e constituir a alma de todo o estudo teológico. Onde for necessário, deverá ser potencializado” (CEP 23).

Esta formação bíblico-teológica deverá possuir algumas qualidades. Em primeiro lugar, é necessário que tenha o caráter sintético, que corresponda ao anúncio a transmitir; e, nela, “os diferentes elementos da fé cristã devem aparecer bem estruturados e harmonizados entre si, numa visão orgânica que respeite a hierarquia das verdades”⁶⁴. Esta síntese da fé será de tal

⁶² Félix, “Nuevos catequistas,” 35.

⁶³ Enrique Santayana Lozano, “Plan de formación de catequistas de la diócesis de Getafe,” *Actualidad catequética*, nº 225-226 (2010/I-II): 186.

⁶⁴ Julián Ruiz Martorell, “La Sagrada Escritura en la identidad y formación del catequista,” *Actualidad catequética*, nº 233/234 (2012/I-II): 76.

modo que ajude o catequista a amadurecer na sua fé e, ao mesmo tempo, a tornar-se capaz de dar razão da esperança em tempo de missão:

“A formação *doutrinal* dos fiéis leigos mostra-se hoje cada vez mais urgente, não só pelo natural dinamismo de aprofundar a sua fé, mas também pela exigência de «racionalizar a esperança» que está dentro deles, perante o mundo e os seus problemas graves e complexos” (ChL 60).

Deve ser uma formação teológica muito próxima da experiência humana, capaz de relacionar os diferentes aspetos da mensagem cristã com a vida concreta das pessoas: “quer para a inspirar, quer para a ajuizar à luz do Evangelho” (CT 22). Embora sendo um ensino teológico, deve adotar, de certo modo, um estilo catequético. Finalmente, esta formação deve ser de tal maneira que o catequista:

“Se torne capaz não apenas de expor com exatidão a mensagem evangélica, mas também de saber provocar uma receção ativa desta mesma mensagem por parte dos catequizandos e que, no seu itinerário espiritual, saiba discernir aquilo que está de acordo com a fé” (cf. DCG 112).

Em suma, a evangelização tem que conter sempre uma clara proclamação de que em Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, morto e ressuscitado, nos oferece a salvação a todos os homens, com dom da graça e da misericórdia de Deus. Não é “uma salvação puramente imanente senão uma salvação que desborda todos estes limites” (EN 22). Os traços de saber são também os traços da vocação de cada cristão, porém com maior motivo o catequista deve “saber” dar resposta da sua fé. Por isso, é necessário que saiba “os conteúdos da fé, respeite a inculturação da fé e saiba utilizar a sua linguagem”⁶⁵.

3.1.3 Saber fazer

Uma vez que a catequese é um ato de comunicação, “a formação tende a fazer do catequista um educador da pessoa humana e da vida da pessoa” (CT 22d). Do mesmo modo, para que a formação seja completa, é necessário que “o catequista se prepare para facilitar o cresci-

⁶⁵ López, “Los catequistas,” 135-136.

mento de uma experiência da fé da qual ele não é o dono ” (DGC 244). Neste sentido, “a formação do catequista trata-se de capacitar os catequistas para transmitir o Evangelho aos que desejam seguir Jesus Cristo”⁶⁶. Deste modo, a finalidade da formação “procura que o catequista seja o mais apto possível para realizar um ato de comunicação” (DGC 235).

Por tudo isto, de um lado, “o catequista tem de capacitar-se para ativar os processos de aprendizagem para conduzir um grupo e para poder programar a ação que vai realizar” (CF 120). Neste sentido, “deve possuir um conhecimento e uma praxis da pedagogia própria do ato catequético e das suas metodologias”⁶⁷. E por outro lado, tem de iniciar-se nas distintas linguagens com que se expressa o homem de hoje: “a da própria experiência, a narrativa, a simbólica, a audiovisual, a corporal, etc”⁶⁸. Esta iniciação tem de fazer-se de tal maneira que se fomente a liberdade e criatividade do catequista.

O catequista adquire um conhecimento da pessoa e da realidade em que vive, também através das ciências humanas, que, nos nossos dias, alcançaram um grau de desenvolvimento extraordinário:

“Na atividade pastoral, conheçam-se e apliquem-se suficientemente, não apenas os princípios teológicos, mas também os dados das ciências profanas, principalmente da psicologia e sociologia, para que assim os fiéis sejam conduzidos a uma vida de fé mais pura e adulta” (GS 62).

É necessário que o catequista conheça pelo menos alguns elementos fundamentais da psicologia, tal como, os dinamismos psicológicos que movem a pessoa; a estrutura da personalidade; as necessidades e as aspirações mais profundas do coração humano; a psicologia evolutiva e as etapas do ciclo vital humano; a psicologia da religião e as experiências que abrem a pessoa ao Mistério do sagrado. As ciências sociais procuram conhecer o contexto sócio-cultural em que a pessoa vive e que a influencia fortemente. Por isso, na formação do catequista, é necessário que se faça “uma análise das condições sociológicas, culturais e económicas, uma

⁶⁶ Terrassa, “Acentos”, 81.

⁶⁷ Terrassa, “Acentos”, 87.

⁶⁸ López, “Los catequistas,” 140.

vez que são processos coletivos que podem ter profundas repercussões sobre a difusão do Evangelho” (DGC 242). Juntamente com estas ciências explicitamente recomendadas pelo Concílio Vaticano II, outras devem estar também presentes na formação dos catequistas, de uma maneira ou de outra, especialmente as ciências da educação e da comunicação.

Com efeito, o melhor para saber como fazer a evangelização é “aproximar à atuação de Jesus e evangelizar é exatamente o que Jesus fez durante toda a sua vida, em vez de deixar-nos enredar pelos discursos subtis e dinâmicas” (EN 7). A evangelização é um processo complexo, que inclui o anúncio e a realização da mensagem de Jesus. Começa a ser um anúncio da salvação tem que ter por objetivo a conversão do coração, o perdão dos pecados e a nova vida do filho de Deus em Cristo pelo Espírito. É de suma importância “saber fazer” este processo, para obter os catequistas de que hoje a Igreja necessita.

3.2 O catequista que a Igreja hoje precisa

O catequista é “o agente humano principal da catequese”⁶⁹. Não é fácil delinear a figura do catequista de que hoje a Igreja necessita. A sua tarefa, se bem que é fundamentalmente a mesma ao longo da história da Igreja, adquire acentos peculiares segundo as diversas conjunturas históricas e culturais. A função do catequista e a maneira de realizar a sua missão, em efeito, não são exatamente as mesmas num país de missão, com a sua cultura própria, e com uns destinatários cristãos, e numa Igreja da antiga cristandade, com uma cultura em rápida evolução e com uns destinatários já batizados, mesmo que muitas vezes se afaste da fé.

Por outra parte, o tipo de catequista de que hoje necessita a Igreja tem, que determiná-lo, particularmente, em função do horizonte cultural de um sinal que termina, e de outro que se abre; horizonte que está a reclamar uma nova evangelização. Como afirma o Diretório Geral para a Catequese, necessitam-se catequistas que saibam atuar no marco religioso cultural desta

⁶⁹ Ángel Castaño Félix, “Nueva evangelización, nueva catequesis, nuevos catequistas” *Actualidad Catequética*, nº 233/234 (2012/I): 66.

nova evangelização dos batizados. Trata-se, antes de mais nada, de formar catequistas para as necessidades evangelizadoras deste momento histórico, com os seus valores, com os seus desafios e os seus pontos obscuros. Para fazer frente a esta tarefa, são necessários “catequistas dotados de uma profunda fé” (DGC 237), “de uma clara identidade cristã e eclesial” (CEP 7) e “de uma profunda sensibilidade social” (CEP 13).

3.3 Catequistas com uma fé profunda

Hoje, vivemos num modelo cultural de maneira “individualista, centrada no bem-estar imediato sem nenhuma referência transcendente, nem religiosa nem moral”⁷⁰. Este modelo, entre outras coisas, polariza-nos pelo gozo do presente. As perspectivas a longo prazo e a esperança de um mais além não oprimem tanto o homem. Por isso, os homens e mulheres de hoje vão perdendo a capacidade de questionar-se a origem e o sentido último da vida, pois, “no nosso mundo há fortes fermentos de ateísmo e de diferença religiosa” (TDV 21). A pergunta sobre Deus e sobre o mais além fica cada vez mais distante e vai-se convertendo numa dimensão perdida: “muitos dos nossos contemporâneos não atendem a esta íntima e vital ligação a Deus, ou até a rejeitam explicitamente” (GS 19).

Neste contexto, a Igreja necessita de catequistas mergulhados num profundo sentido religioso, com uma experiência madura da fé e um forte sentido de Deus. Visto que “a missão primordial da Igreja é anunciar Deus e testemunha-Lo diante o mundo” (DGC 23), O catequista tem de ser capaz de dar testemunho da sua fé em Deus e de responder à inquietação mais profunda do coração do homem, pois muitas vezes não está consciente de que a sede do absoluto habita nele. Só um catequista assim devolverá ao ser humano o sentido profundo da vida e lhe fará gostar do caminho da verdadeira felicidade

⁷⁰ Fernando Sebastián Aguilar, “Nueva evangelización, nueva catequesis, nuevos catequistas,” *Actualidad Catequética*, nº 233/234 (2012/I-II): 61.

De facto, “um dos traços mais nucleares do catequista consiste em ser testemunho da fé”⁷¹. Porém, em primeiro lugar, “o catequista testemunha a fé na medida em que a vive e a expressa na sua própria vida”⁷². A este respeito o Papa Paulo VI afirma na sua encíclica *Evangelii nuntiandi*:

“Para a Igreja, o testemunho de uma vida autenticamente cristã, entregue nas mãos de Deus, numa comunhão que nada deverá interromper, e dedicada ao próximo com um zelo sem limites, é o primeiro meio de evangelização. “O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, dizíamos ainda recentemente a um grupo de leigos, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas” (EN 41).

E, em segundo lugar, pode afirmar que ele testemunha a fé quando acolhe com fidelidade a Revelação de Deus em Jesus Cristo através da Igreja e a transmite, fazendo realidade um dos princípios fundamentais de toda a catequese: “fidelidade a Deus e à pessoa” (CT 55). Esta categoria do testemunho ajuda certamente “o catequista a tomar consciência de que a sua espiritualidade brota da sua relação com Jesus Cristo através da pertença eclesial”⁷³ e que a sua missão consiste, antes de tudo e sobretudo, “em incorporar os catecúmenos ou catequizando naquela comunhão da vida com Deus Trino de que ele participa e que fazer extensível aos outros”⁷⁴.

O primeiro aspeto que o catequista tem de testemunhar é a memória de Deus:

“Aproveu a Deus na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade, segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina. Em virtude desta revelação, Deus invisível, na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos e convive com eles, para os convidar e admitir à comunhão com Ele” (DV 2).

O Papa Francisco também na homilia da eucaristia durante a peregrinação dos catequistas a Roma no Ano da Fé afirma que:

“O catequista é precisamente um cristão que põe esta memória ao serviço do anúncio, não para se exhibir, não para falar de si mesmo, senão para falar sobre Deus, do seu amor e da sua fidelidade. Falar e transmitir todo o que Deus revela, isto é, a doutrina na sua totalidade, sem diminuir nem acrescentar nada”⁷⁵.

⁷¹ Gregorio Aboín Martín, “El catequista, testigo de la fe,” *Teología y Catequesis*, nº 137 (2017): 117.

⁷² Martín, “El catequista”, (2017): 119.

⁷³ Terrassa, “Acentos”, 84.

⁷⁴ Magro, “El catequista,” 86.

⁷⁵ FRANCISCO, “Homilía de la misa durante la peregrinación de los catequistas a Roma por el Año de la fe,” *Actualidad catequética*, nº 240 (2013): 26.

Além disso, o catequista é “testemunho de uma história que nos precede e que ele não pode inventar ou modificar a seu capricho”⁷⁶. De facto, a relação do catequista com esta memória de Deus não se reduz a uma mera memória intelectual, “senão que a cuida e a alimenta na própria vida, a reconhece presente no contexto histórico que lhe toca a viver com as suas luzes e sombras e a sabe despertar no coração dos outros”⁷⁷.

O catequista é aquele que se sente chamado a transmitir com todo o seu ser a Revelação de Deus por Cristo no Espírito Santo. Neste sentido, é “lícito vincular o testemunho da fé do catequista à identidade e à missão da Igreja”⁷⁸. O catequista tem de ter consciência de que recebe a fé da Igreja e, por isso, como membro da Igreja, “a transmitirá aos outros na medida em que se sinta sustentado pela fé dos outros” (CC 166). Este modo de conceber a fé, em relação à Revelação e salvaguardando a sua dimensão eclesial, configura certamente o modo de entender a ação catequética enquanto “iniciação ordenada e sistemática à Revelação que Deus fez de Si mesmo ao homem, em Jesus Cristo, revelação conservada na memória profunda da Igreja e nas Sagradas Escrituras e comunicada constantemente, perante uma *traditio* viva e ativa, de geração em geração” (CT 22). É lógico concluir que o catequista tem de converter-se não só testemunho da *memoria Dei* ou da *memoria Iesu* senão também da *memoria fidei Ecclesiae*, contida na *Traditio apostólica*. Assim, o catequista tem de reconhecer-se como testemunho e laço de uma tradição que deriva dos apóstolos, o qual leva consigo a exigência “de conformar a sua ação educadora com estas constantes da Tradição, se não quer expor-se a correr em vão” (cf. EC 68).

O catequista tem de situar-se como aquele que é enviado por Deus através da Igreja para que transmita a fé que a Igreja crê, celebra, vive e reza. A dimensão testemunhal do catequista deve “vincular-se necessariamente a sua pertença à Igreja”⁷⁹, a qual “com o seu ensinamento, a sua vida, o seu culto, conserva e transmite a todas as idades o que é e o que crê” (DV 8). Há de ter presente que a missão da catequese consiste em transmitir o que primeiramente recebe (cf.

⁷⁶ García, “San Ireneo,” 111.

⁷⁷ Ángel, “Nuevos catequistas,” 28.

⁷⁸ Afonso, “La identidad,” 52.

⁷⁹ Afonso, “La identidade,” 64.

1Cor 15): um dom novo e surpreendente, insuspeito pelo homem, uma novidade que se lhe oferece e que não provem dele, “senão que é dada como graça”⁸⁰. Deste modo, o catequista tem de esforçar-se por transmitir esta *Traditio* de tal modo que seja significativa para o destinatário concreto a que dirige o seu trabalho. Por isso, ele tenta conseguir que todo aquele que transmite da fé da igreja seja percebido pelos destinatários como boa notícia para a sua vida, como luz para o seu caminhar e como sentido concreto para a sua existência.

A espiritualidade do catequista enquanto testemunho da fé deverá cultivar entre outras as seguintes dimensões: bíblica, cristológica e eclesial. O catequista tem de ter como fonte da catequese a Revelação contida tanto na Sagrada Escritura como na Tradição. Neste sentido, ele é chamado a ser uma pessoa capaz de ler a Sagrada Escritura como crente e contemplativo; uma pessoa que ajude aos catecúmenos e catequizandos a experimentar que Deus continua chamando hoje, e que a sua história pessoal e comunitária está em íntima união com a história da salvação que Deus constrói ao longo dos séculos. Em suma, o catequista tem de ajudar aos catequizando a tomar consciência de que Deus lhes “primeira” (EG 24).

O catequista tem de ter consciência de que o seu serviço não consiste em testemunhar-se a si próprio senão a Jesus Cristo. Em consequência, pode falar-se de um serviço cristocêntrico:

“O Cristocentrismo na catequese significa também que, mediante ela, se deseja transmitir, não já cada um a sua própria doutrina ou então a de um mestre qualquer, mas os ensinamentos de Jesus Cristo, a Verdade que Ele comunica, ou, mais exatamente, a Verdade que Ele é. Tem que se dizer, portanto, que na catequese é Cristo, Verbo Encarnado e Filho de Deus, que é ensinado — e tudo o resto sempre em relação com Ele; e que somente Cristo ensina; qualquer outro que ensine, fá-lo na medida em que é seu porta-voz, permitindo a Cristo ensinar pela sua boca. A preocupação constante de todo o catequista, seja qual for o nível das suas responsabilidades na Igreja, deve ser a de fazer passar, através do seu ensino e do seu modo de comportar-se, a doutrina e a vida de Jesus Cristo. Assim, há-de procurar que a atenção e a adesão da inteligência e do coração daqueles que catequiza não se detenha em si mesmo, nas suas opiniões e atitudes pessoais; e sobretudo não há-de procurar inculcar as suas opiniões e opções pessoais, como se elas exprimissem a doutrina e as lições de vida de Jesus Cristo. Todos os catequistas deveriam poder aplicar a si próprios a misteriosa palavra de Jesus: «A minha doutrina não é minha mas d'Aquele que me enviou». É isso que faz São Paulo, ao tratar de um assunto de grande importância: «Eu aprendi do Senhor isto, que por minha vez vos transmiti». Que frequente e assíduo contacto com a Palavra de Deus transmitida pelo Magistério da Igreja, que familiaridade profunda com Cristo e com o Pai, que espírito de oração e que desprendimento de si mesmo deve ter um catequista, para poder dizer: «A minha doutrina não é minha!» (CT 6).

⁸⁰ Javier Salinas Viñals, “La diaconía de la verdad como expresión de la comunidad eclesial,” *Actualidad catequética*, nº 240 (2013): 62.

Deste modo, o catequista compreende que a sua missão consiste em conduzir aos homens àquele encontro com Jesus Cristo que “dá novo horizonte à vida e, com Ele, uma orientação decisiva” (DCE 1). Ele, na sua condição de batizado, enquanto filho de Deus no Filho por meio do Espírito Santo, está a ser chamado de uma maneira especial, pela sua vocação e missão, a testemunhar a Cristo Mestre, convertendo-se em “ícone vivente do magistério de Jesus”⁸¹. O catequista, em íntima comunhão com Cristo, tem de transparecer e atualizar o magistério do Senhor com o mesmo Espírito com que Ele o leva a cabo. Ele, na escola de Jesus Mestre, tem de testemunhar e transluzir esta ação magistral de Cristo, integrando aos catecúmenos naquela comunhão de vida com o Deus Trino de que ele participa e que quer fazer extensível aos outros.

O catequista tem de ser igualmente consciente de que não transmite a sua própria fé, senão que a sua fé é a fé da Igreja e que a sua pertença à Igreja é a que o leva a testemunhar e a fazer presente fé nas “periferias existenciais do nosso mundo”⁸². Por isso, é necessário, em primeiro lugar que o catequista permaneça em comunhão com a fé da Igreja, renovando a sua pertença eclesial e tratando de transmitir a fé inteiramente, sem desviar do fundamental; em segundo lugar que o catequista submerja na vivência daqueles que lhe precedem com o sinal da fé. Neste sentido, ele tem de estar atento à maneira como estas pessoas transmitem a dita fé e como são testemunhos da mesma no meio das condições, em muitos casos nada fáceis, nas que lhes tocam a viver. Assim, o catequista sentir-se-á continuador deste serviço e tratar-se-á de levar a cabo com chaves similares às que eles usam; em terceiro lugar que o catequista preste atenção a história que lhe toca viver, a sociedade em que vive, as dificuldades e oportunidades que experimentam os seus contemporâneos à hora de crer. Logo, o catequista poderá discernir, à luz do Evangelho, qual é a ação de Deus no meio dos ambientes donde se desenvolve a sua vida e como pode ajudar o seu serviço; em quarto lugar, o catequista, sendo consciente de que é um laço na corda da transmissão da fé, querido por Deus.

⁸¹ Félix, “El catequista,” 94.

⁸² Depalma, “Catequistas,” 112.

Por um lado, o catequista tem de ser paciente para não esquecer que a ele só lhe cabe a cultivar e que Deus é o que faz frutificar, pois como sustenta São Paulo:

“Nem o que planta nem deu o que rega é alguma coisa, mas só Deus, que faz crescer. Tanto o que planta como o que rega formam um só, e cada um receberá a recompensa, conforme o seu próprio trabalho. Pois, nós somos cooperadores de Deus, e vós sois o seu terreno de cultivo, o edifício de Deus” (1 Cor 3,7-9).

Por outro lado, o catequista tem de ser humilde porque sabe que é um instrumento nas mãos de Deus, eleito, não em virtude dos seus méritos senão conforme à bondade e à misericórdia de Deus. Por isso, o catequista escuta a voz do Senhor que lhe diz: “basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza” (2 Cor 12,9).

Por fim, o catequista tem de ter consciência de que a sua missão consiste em incorporar o catecumenado ou catequizando à comunhão da Igreja. Em consequência, tendo presente que a iniciação cristã consiste na “inserção de um candidato no mistério de Cristo, morto e ressuscitado, e na Igreja por meio da fé e dos sacramentos” (IC 19), compreende-se que o catequista é o que “dá testemunho e anuncia para que os outros, acolhendo a sua mensagem, se incorporem a essa comunhão e vivam a mesma experiência⁸³”. Ser cristão implica, antes de tudo e sobretudo, acolher a Vida que provem de Deus e entrar em comunhão com Ele por meio daquela realidade que, em Cristo, é constituída em “sinal e instrumento da união dos homens com Deus e dos homens entre si: a Igreja” (LG 1). Baseando neste ponto de vista, a Igreja pode ser compreendida como verdadeira mãe que gera os filhos na fé:

“A Igreja, ao transmitir a fé e a vida nova — através da iniciação cristã — age como mãe dos homens, que gera filhos concebidos por obra do Espírito Santo e nascidos de Deus. Precisamente, por ser nossa mãe, a Igreja é também a educadora da nossa fé; é mãe e mestra ao mesmo tempo. Através da catequese, alimenta os seus filhos com a sua própria fé e os incorpora, como membros, na família eclesial. Como boa mãe, oferece-lhes o Evangelho em toda a sua autenticidade e pureza, o qual, ao mesmo tempo, lhes é dado como alimento adaptado, culturalmente enriquecido e como resposta às aspirações mais profundas do coração humano” (DGC 79).

⁸³ Afonso, “La identidade,” 68.

Chegando a este ponto, porque a catequese é uma ação eclesial, o catequista é chamado a ter uma forte identidade eclesial e uma finalidade eclesial, consistente em incorporar a que se inicia na fé em comunhão dos cristãos:

“A comunidade cristã é a origem, o lugar e a meta da catequese. É sempre da comunidade cristã que nasce o anúncio do Evangelho, que convida os homens e as mulheres à conversão e a seguirem Cristo. E é esta mesma comunidade que acolhe aqueles que desejam conhecer o Senhor e empenhar-se numa nova vida. Ela acompanha os catecúmenos e catequizandos no seu itinerário catequético e, com materna solicitude, torna-os partícipes da própria experiência de fé e os incorpora no seu seio” (DGC 254).

O testemunho eclesial da fé do catequista deve estar encaminhado, pela sua mesma natureza, à incorporação dos que acolhem o dito testemunho à santa Igreja de Deus.

3.4 Catequistas firmes na sua identidade cristã

A Igreja necessita hoje de catequistas que, junto a uma fé profunda, se mantenham firmes na sua identidade cristã e eclesial. Vivemos, com efeito, num mundo marcado pelo pluralismo de formas de pensar, de critérios morais, de estilos de vida diferentes. A uniformidade cultural anterior já passou.

Esta situação exige da Igreja um novo modo da presença, não é fácil de conseguir. Para muitos dos cidadãos duma sociedade democrática os critérios da Igreja já não são o último referente no que se inspirar. Neste contexto, os cristãos têm de costumar-se a viver como uma comunidade concreta e bem definida, no meio do grupo de pessoas que têm outros valores e outra forma de conceber a vida. Em muitos lugares, inclusive, a noção cristã da vida é julgada como coisa tresnoitada e do passado.

No meio de tal pluralismo ideológico e axiológico, a Igreja necessita de catequistas que se sintam firmes nas suas convicções cristã, e que sejam capazes de educar as crianças, jovens e adultos para que saibam confessar a sua fé e dar razão da sua esperança, por estar ancorado nas verdades essenciais da fé, nas convicções sérias e nos valores evangélicos fundamentais. Hoje solicita-se aos catequistas, sobretudo, que saibam educar testemunhos no meio dum mundo onde o relativismo ético ganha o terreno.

O catequista é conhecido como testemunha e laço duma tradição que deriva dos apóstolos, o qual leva consigo a exigência de confrontar-se com as constantes dessa tradição “senão querer expor-se a correr em vão”⁸⁴. O catequista atua como porta-voz da Igreja, transmitindo a fé que crê, celebra, vive e reza, o que também leva consigo a exigência de um sã sentido eclesial: “deverá, portanto, possuir uma viva consciência de pertença à Igreja” (CCE 72). Na verdade, a identidade eclesial do catequista é definida não só pela personalidade cristã, que partilha com os outros batizados, senão, sobretudo, pela sua missão específica na Igreja: porta-voz da Igreja para transmitir a fé como testemunho e laço de uma tradição que deriva dos Apóstolos.

O horizonte e a meta de todo o catequista é ajudar o catequizando a converter-se num membro ativo e responsável da comunidade cristã. Por isso, é necessário a dimensão eclesial do catequista para uma autêntica transmissão da fé cristã (CCE 73). Contudo, a identidade é determinada pela natureza e finalidade eclesial da ação catequética: “a catequese tem a sua origem na confissão da fé da Igreja e conduz à confissão da fé do catecúmeno e do catequizando” (DGC 221). A necessidade de uma verdadeira consciência da pertença à Igreja é assumir a missão de ser testemunho – porta-voz da tradição viva da Igreja para a edificação da comunidade cristã. É importante sublinhar que pertencer à Igreja, antes de mais é “sentir com a Igreja” e, sobretudo, “sentir-se a Igreja”, isto é, sentir-se implicado, participar na sua vida como algo próprio, identificar-se com ele como membro integrante da mesma. Pertencer à Igreja é reconhecer-se “filho” com todas as suas consequências e experimenta-la como o conteúdo mesmo da autêntica fé cristã. Esta relação intrínseca entre a catequese e a Igreja, da qual deriva a “pertença eclesial” do catequista, não é “um vínculo jurídico externo senão que provem da natureza e missão da igreja, ao serviço da qual está a ação catequética”⁸⁵, porque a Igreja foi instituída para herdar e transmitir e repetir os atos salvíficos de Jesus Cristo:

“Nascida da missão, pois, a Igreja é por sua vez enviada por Jesus, a Igreja fica no mundo quando o Senhor da glória volta para o Pai. Ela fica aí como um sinal, a um tempo opaco e luminoso, de uma nova presença de Jesus, sacramento da sua partida e da sua permanência,

⁸⁴ Afonso, “La identidade,” 49.

⁸⁵ Afonso, “La identidade,” 53.

Ela prolonga-o e continua-o. Ora, é exatamente toda a sua missão e a sua condição de evangelizado, antes de mais nada, que ela é chamada a continuar” (EN 15c).

A existência da Igreja, portanto, deve-se a um “para”, a uma missão, fazer presente a salvação de Jesus Cristo entre os homens:

“Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa ressurreição” (EN 14).

A economia da salvação, que por sua essência é da natureza “encarnada” atualiza-se constantemente na Igreja: “e todo o bem que o Povo de Deus pode prestar à família dos homens durante o tempo da sua peregrinação deriva do facto que a Igreja é «o sacramento universal da salvação», manifestando e atuando simultaneamente o mistério do amor de Deus pelos homens” (GS 45). Este permite-nos ver a importância da Igreja como “epifania do mistério de Cristo”⁸⁶ e não simplesmente como uma sociedade de gente que segue os seus ensinamentos. Por isso, um catequista “sem Igreja”, isto é, com um deficiente sentido eclesial, vive a mentalidade do “Cristo sim, Igreja não”⁸⁷. A falta da consciência eclesial é impossível que um catequista possa realizar aquilo que é a sua razão de ser: comunicar a fé em Jesus, porque o que o catequista transmite, não é senão o dom interior da comunhão que ele vive com Deus no seio da comunidade cristã, e o faz com o desejo de fazer que o outro participe dessa mesma comunhão (DGC 83).

“O que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida,” (...) isso vos anunciamos, para que também vós estejais em comunhão connosco. E nós estamos em comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo (Jo 1,1;3).

Quando a experiência da fé do catequista não está plenamente inserida na comunhão eclesial, quer dizer, quando a comunhão com Deus, dom interior do Espírito, não se manifesta historicamente e visivelmente na comunhão com a comunidade, tem que dizer que essa fé não

⁸⁶ Afonso, “La identidad,” 60.

⁸⁷ Afonso, “La identidad,” 62.

é plena, e que o catequista, no lugar de gerar com a sua tarefa catequética essa comunhão conosco, que é a Igreja, não faz senão alimentar cada vez mais a falsa pretensão de um impossível e estéril cristianismo, sem Igreja. “Estas situações, fruto não poucas vezes das limitações e pecados de todos, levam consigo o risco da deformação da fé e diminuem em qualquer caso a força do testemunho e a eficácia da missão da comunidade cristã” (PDV 33). Um crente não transmite uma mera informação, senão a sua experiência do crente que consiste numa vida de comunhão com Deus e com os outros cristãos. Todavia, a maturidade da própria identidade do crente é definida precisamente pela capacidade e disponibilidade de transmitir a fé: “não se pode conceber uma pessoa que tenha acolhido a Palavra e se tenha entregado ao Reino sem se tornar alguém que testemunha e, por seu turno, anuncia essa Palavra” (EN 24).

A mesma essência da transmissão da fé consiste em tornar possível que as pessoas estabeleçam uma relação viva com Deus e com os crentes que lhes põem contacto com Ele, como sustenta o Diretório Geral para a Catequese: “O catequista é, intrinsecamente, um mediador que facilita a comunicação entre as pessoas e o mistério de Deus, e dos sujeitos entre si e com a comunidade” (DGC 156). O catequista não pode menos que se surpreender com comprovar que se cumpre continuamente aquilo de que “aprouve a Deus salvar os que crêem, pela loucura da pregação” (cf. 1Cor 1,21), pois, por meio da transmissão da fé atualiza-se o acontecimento da Revelação para cada homem. Nos que acolhem a mensagem produz-se o milagre da fé.

O catequista é “testemunha e porta-voz” da tradição viva da Igreja para edificar a Igreja cuja qualidade não é algo que se acrescente a partir de fora, como se fosse um trabalho que se sobrepõe à sua condição cristã, senão que é um elemento constitutivo da eclesialidade da sua fé, mesmo poder dizer que o rasgo mais distintivo da sua pertença à Igreja. Estar inserido na tradição da Igreja e ser fiel testemunha da mesma é consequência imediata e critério da autenticidade da experiência da fé cristã. O que normalmente chamamos transmissão da fé, desde o ponto de vista semântico, coincide fundamentalmente com a tradição ou entrega. No entanto, quando falamos da tradição, no sentido teológico, é necessário superar dois equívocos:

“Por um lado, o de pensar que se trata das realidades estáticas do passado que temos que conservar e entregar materialmente igual aos que vêm depois, como se fosse um monumento artístico; e por outro lado, o erro, ao considerar a tradição, e a necessidade de confrontar-se com ela, como “uma espécie de vigilância que não deixe ninguém à margem para crescer ou evolucionar na compreensão e vivência da mensagem cristã”⁸⁸.

Confrontar-se com as constantes da tradição é comprovar em que ponto o catequista recebe a fé, isto é, em que medida se identifica vitalmente e existencialmente com a fé da Igreja e, em consequência, se está capacitado para realizar uma autêntica ação catequética.

3.5 Catequistas com preocupação missionária

A realidade em que vivemos, “com situação adversa à fé e onde o sentido religioso se obscurece” (DGC 29), pede à Igreja que exerça duas ações simultâneas no campo catequético: “a ação missionária e a catequese de iniciação” (DGC 277). Assim, um catequista com preocupação missionária deve procurar acima de tudo, que os catequizandos adiram à fé no meio de uma situação adversa e procure cooperar com a graça de Deus, para que se realize uma verdadeira conversão: “ao anunciar ao mundo a Boa Nova da Revelação, a evangelização convida homens e mulheres à conversão e à fé” (AG 7), como afirmam os bispos Espanhóis:

“A nova situação cultural e social apresenta os perfis de uma forte secularização que determina, em muitos casos, o debilitamento e até o abandono da fé. Uma situação que leva muitos membros da Igreja a ter consciência de diáspora respeito do mundo, e aos pastores à necessidade de impulsar uma ação pastoral estritamente missionária, que move os batizados à conversão e á adesão consciente e responsável a Deus (IC 3-4).

Além disso, hoje a Igreja necessita igualmente de catequistas preocupados com a conversão ao Senhor de muitos batizados atuais porque nos países da antiga tradição cristã, e as vezes também nas Igrejas mais jovens, “os grupos inteiros de batizados perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecendo já como membros da Igreja e conduzindo uma vida distante de Cristo e do Seu Evangelho” (RM 33). Sabendo que a conversão “requer retificações, ruturas, formas novas de vida, renovação de valores, que reclamam outras formas de ocupar o tempo”⁸⁹ e a fé

⁸⁸ Afonso, “La identidad,” 65.

⁸⁹ Félix, “Nuevos catequistas,” 27.

é “um encontro pessoal com Cristo” (DCE 1) e “um dom destinado a crescer no coração dos crentes” (CT 20). Assim, tem-se uma clara consciência de que a catequese deve adquirir o estilo de formação integral e não deve reduzir-se a “um simples ensino de uma clareza da fé nem o desenvolvimento moral da fé”⁹⁰. De facto, deverá esforçar-se por suscitar uma verdadeira conversão (CT 19b). No entanto, muitas destas pessoas continuam a cultivar expressões de religiosidade popular, com a sua efervescência social, e momentos de emoção intensa da experiência do sagrado. Por isso, os catequistas recebem “a graça e a responsabilidade de educar os catequizandos a quem testemunham e transmitem os valores humanos e religioso e é isto que constitui o verdadeiro ministério do catequista” (FC 38).

A necessidade dos catequistas com ardor missionário é para poder afirmar como Pedro e João diante do Sinédrio: “Não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos” (Act 4,20) e para realizar o ideal do ministério apostólico como Paulo “o amor de Cristo nos absorve” (2Cor 5,14). É necessário que o catequista tenha um enraizamento do espírito missionário, isto é, um espírito de alegria e esperança, para superar as dificuldades e o próprio cansaço das tarefas catequéticas. E este ardor missionário trará consigo algo muito necessário no mundo atual: “zelo apostólico do pastor que vai atrás da ovelha perdida até que a encontre” (Lc 15,4) e a mulher que procura com cuidado “a dracma perdida até que a encontre” (Lc 15,8). É, portanto, um zelo de fazer chegar a todos o Evangelho: “fiz-me tudo para todos, para salvar alguns a qualquer custo” e “tudo faço por causa do Evangelho” (1Cor 9,22-23). Todavia, a urgência do mandato de Jesus de pregar o Evangelho não é um motivo de glória mas antes uma obrigação: “porque se eu anuncio o Evangelho, não é para mim motivo de glória, é antes uma obrigação que me foi imposta: ai de mim, se eu não evangelizar” (1Cor 9,16). Por isso, a preocupação missionária não nasce do medo, mas sim da alegria em anunciar a Boa Nova e não se faz por costume, mas

⁹⁰ Enrique Santayana Lozano, “Plan de formación de catequistas de la diócesis de Getafe,” *Actualidad Catequética*, nº 225-226 (2010/I-II): 185.

sim porque se descobriu a grande surpresa que é Cristo e só assim se pode vencer os anticorpos de uma sociedade que se vacinou contra tudo aquilo que é cristão.

Esta situação responde a um contexto socio-religioso que requer uma nova evangelização pela qual, para alcançar a recuperação da fé perdida ou duvidada, é necessário, mas não basta, o testemunho cristão, e também o anúncio de uma palavra que interprete este testemunho e bata as portas do coração dos religiosamente indiferentes: “nesta nova situação necessitada de evangelização, o anúncio missionário e a catequese, sobretudo aos jovens e aos adultos, constituem uma clara prioridade” (DGC 26). No entanto, a evangelização obedece ao mandato missionário de Jesus: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado” (Mt 28,19-20). A Igreja evangeliza sempre desde o princípio porque anunciar o Evangelho do reino é a ação por excelência da Igreja: “a Igreja existe e está no mundo para anunciar o Evangelho⁹¹”.

Os laços entre a Igreja e a evangelização são, portanto, profundos e recíprocos: a Igreja nasce da ação evangelizadora de Jesus e dos Doze e é depositária do Evangelho que se mantém nela “constantemente íntegro e vivo” (DV 7). A Igreja conserva-o não para tê-lo escondido, senão para comunica-lo ao mundo. Daqui que, nascida da missão de Jesus, a Igreja é enviada por Ele e está a ser chamada a perpetuar a missão de Jesus e a sua condição de evangelizador. Por isso, a mesma Igreja, por sua vez, envia os evangelizadores. Como afirma Paulo VI “eles vão anunciar um Evangelho do qual nem eles nem ela são senhores e proprietários absolutos, para dele disporem a seu bel-prazer, mas de que são os ministros para o transmitir com a máxima fidelidade” (EN 15).

⁹¹ Ángel Castaño Félix, “Nuevos catequistas para la nueva evangelización,” *Actualidad Catequética*, nº 237 (2013/I): 27.

A evangelização é um processo rico, complexo e dinâmico “a evangelização, por tudo o que dissemos é uma diligência complexa, em que há variados elementos: renovação da humanidade, testemunho, anúncio explícito, adesão do coração, entrada na comunidade, aceitação dos sinais e iniciativas de apostolado” (EN 24) e ao mesmo tempo é um processo dinâmico definido por fases ou etapas sucessivas: “ação missionária com os não crentes, ação catecumenal com os recém-convertidos e ação pastoral com os fiéis da comunidade cristã” (DGC 49). O processo evangelizador, com todo o seu dinamismo e riqueza, é levado a cabo pela Igreja com uma grande diversidade de ministérios e serviços.

Para realizar esta nova evangelização, a Igreja necessita de catequistas com uma visão da fé cristã sobre o nosso mundo para detetar os sinais da ação do Espírito Santo e lê-las como chamadas da salvação. Os catequistas são pessoas de esperança, paciência e alegria interior, como frutos do Espírito que os habita. Em fim, os catequistas comprometidos com o ser humano, como expressão da condescendência divina, são anunciadores da salvação no meio de uns irmãos distantes da fé. De facto, Deus chama-os para uma missão que é anunciar a sua Palavra. O chamamento do Senhor não é para o bem pessoal, mas para o bem dos outros, ou seja, a razão de ser escolhidos, são os outros. A missão é ser “pregadores da Palavra”, “portavozes” do Senhor (2 Tm 2, 1-8). O valor do Evangelho não vem de quem o transmite, senão do mesmo Cristo (Heb 4,12). A tarefa é obra do Senhor e os crentes só têm de colaborar. O catequista deve participar responsabilmente nas vicissitudes terrenas da Igreja peregrina que, por sua natureza, é missionária. Neste especto, vemos Maria como o modelo de toda a vocação e Ela foi “a primeira dos seus discípulos”. Por isso, podemos dizer com razão e alegria, que Maria é um “catecismo vivo”, “mãe e modelo do catequista” (CT 73).

3.6 Catequistas com profunda preocupação social

Perante o obscurecimento do sentido de Deus na nossa sociedade e um certo relativismo ético, o momento cultural que vivemos fica à mercê de um neoliberalismo económico que tudo invade. Uma constatação clara proporciona caminho: “Hoje somos vítimas de estruturas económicas desumanizadoras, com profundas contradições internas e mecanismos económicos e financeiros rígidos e cegos” (SRS 16). A consequência disso gera “um imenso sofrimento em muitos irmãos nossos e em muitas nações, um desemprego massivo que não cessa de remontar, o retorno de muitos a pobreza, mesmo nos meios das sociedades mais avançadas, e uma deterioração social generalizada” (GS 6). Neste contexto, em que os valores humanos mais profundos tendem a obscurecer-se, a Igreja necessita de catequistas dotados de um profundo sentido social, capazes de formar cristãos que saibam introduzir a ferramenta dinamizadora do evangelho no meio duma problemática socioeconómica que gera a falta de solidariedade e a perda de esperança. A Igreja, mãe da humanidade, vê, acima de tudo e com profunda dor, “uma multidão inumerável de homens e de mulheres, crianças, adultos e anciãos, isto é, uma multidão de pessoas humanas, concretas e irrepetíveis, que sofrem sob o peso intolerável da miséria” (SRS 35).

A obra evangelizadora da Igreja, neste vasto campo da relação entre os povos e entres as diferentes camadas sociais, tem uma tarefa irrenunciável: manifestar a dignidade inviolável de toda a pessoa humana. “Em certo sentido, é a tarefa central e unificadora do serviço que a Igreja, e nela os fiéis leigos são chamados a prestar à família humana” (DGC 19). Por isso, num mundo globalizado, com intercâmbios socioculturais, “a Igreja deve revitalizar a sua missão no anúncio e proclamação do Evangelho, centrada em Jesus Cristo, através de novos caminhos que possibilitem a renovação da vida espiritual das Igrejas locais e o diálogo com as culturas contemporâneas”⁹².

No entanto, o catequista precisamente por viver num momento histórico concreto e imerso numa sociedade determinada, adapta-se à realidade porque está “a ser chamado a levar

⁹² López, “Los catequistas,” 124.

a força do evangelho ao coração da cultura das culturas”⁹³. Além disso, o catequista está aberto aos problemas do homem do nosso tempo e da nossa sociedade porque ele não é um ser isolado que transmita uma tradição morta. Para transmitir o Evangelho, é interpelação atual ao homem, “é necessário estar aberto aos problemas e desejos do homem e do ambiente social em que vive” (EN 29). Esta abertura ao homem é uma exigência do Espírito e é Ele “quem faz discernir os sinais dos tempos – sinais de Deus – que a evangelização descobre e valoriza no interior da história” (EN 75).

Enraizado no seu ambiente, o catequista partilha “os gozos e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens do nosso tempo” (GS 1) e compromete-se com eles. É precisamente esta sensibilidade para o homem a que faz com que a sua palavra catequizadora possa criar raízes nos interesses profundos do homem e iluminar as situações humanas mais estimulantes, promovendo uma resposta viva ao Evangelho. O seu próprio testemunho de compromisso social, compatível com a sua dedicação à catequese, tem, diante dos catequizandos, um valor educativo muito importante.

Não obstante, às vezes, o catequista pode ver-se tentado a suspeitar se o seu serviço catequizador é um verdadeiro compromisso com os homens, e se o seu posto, sobretudo sendo leigo, não consistirá em assumir exclusivamente responsabilidades sociais diretas, sem ter que dedicar o seu tempo à tarefa de educar a fé, que permanece no âmbito intraeclesial. Parece que os outros agentes evangelizadores, integralmente comprometidos na promoção da justiça, servem causa do Evangelho melhor que ele. Não deve cair nessa tentação porque a tarefa catequética é profundamente humanizadora, dando a conhecer e vinculando Jesus Cristo, à afirmação do homem. Transmite o Evangelho, que é uma mensagem que encerra um sentido profundo para a vida e responde aos desejos mais profundos do coração humano. Inicia no compromisso social, abrindo cristão às “consequências sociais das exigências evangélicas” (CT 29). Sem a catequese

⁹³ J. D’Arquer I Terrassa, “Acentos de la formación de catequistas, hoy,” *Teología y Catequesis*, nº 81 (2002): 85.

que lhe transmita, os militantes cristãos não poderiam desenvolver no mundo uma ação comprometida realmente evangélica.

Por outra parte, junto a essa dimensão social, a catequese colabora a numa inserção mais humana do cristão na trama do quotidiano. Centrado como está “o Evangelho no amor, com os inumeráveis aspetos desta dimensão cristã fundamental” (1Cor 13,1-13), a vida evangélica na qual se inicia o catequista, proporciona uma profunda densidade humana na vida diária. É óbvio que para desenvolver tudo isto, é preciso que o catequista seja um “perito em humanidade, assumindo a solicitude fundamental da Igreja pelo homem, é o que ela lhe propõe” (RH 13).

CONCLUSÃO

De facto, o ministério catequético é o ministério confiado aos discípulos por Jesus Cristo após a sua ressurreição. A Igreja, por sua vez, tem a missão de continuar este ministério que é uma das suas tarefas primordiais. Por isso, este ministério realiza-se por um membro da comunidade cristã por encargo da Igreja e em nome da Igreja porque ele presta um autêntico serviço eclesial que se realiza na Igreja, com a Igreja e para a Igreja. Este ministério configura-se pelas seguintes características: um serviço único, um serviço eclesial e com carácter próprio. Um serviço único porque se realiza de modo conjunto: sacerdotes, religiosos e leigos em comunhão com bispo. Enquanto um serviço eclesial porque é dotado de carácter oficial: os catequistas recebem do bispo, primeiro responsável da catequese e catequista por excelência” (CT 63), a missão oficial ou encargo para exercer a sua tarefa em nome da Igreja e o serviço da sua missão evangelizadora. Por fim, tem carácter próprio porque distingue dos outros ministérios, tal como, os ministérios litúrgicos, ensino da teologia, ministério da caridade, etc.

Contudo, este ministério é uma ação eclesial situada num processo de total evangelização. Assim, é fundamental que encontre e desenvolva a tarefa que lhe é própria dentro da variedade de ministérios e serviços que configuram a missão evangelizadora e é igualmente importante descobrir que a ação catequética é uma responsabilidade comum e, ao mesmo tempo diferenciada: “existe na Igreja diversidade de funções, mas unidade da missão” (AA 2). Na verdade, a Igreja é uma comunidade em cuja missão e vida interna os seus membros participam através de diferentes carismas, serviços e ministérios. Toda a comunidade, portanto, deve sentir-se interessada, como tal, na tarefa catequizadora: “esta iniciação cristã realizada no catecumenado deve ser obra não apenas dos catequistas ou sacerdotes, mas de toda a comunidade dos fiéis” (AG 14). Esta responsabilidade comum é realizada, pública e oficialmente, pelos catequistas, a quem a Igreja confia este serviço: “Os fiéis leigos, em virtude do batismo e da confirmação, são

testemunhas da mensagem evangélica pela palavra e pelo exemplo da vida cristã; podem também ser chamados a cooperar com o Bispo e os presbíteros no exercício do ministério da palavra” (CIC 759).

Os sacerdotes, religiosos e leigos, ao assumir a tarefa de catequizar, fazem-na conjuntamente, mas de maneira diferenciada, cada um sobre a base da sua peculiar condição: ordenação, vida consagrada e carácter leigos. Também, já foi dito, se faltasse a colaboração dos religiosos e dos leigos ou a iniciativa dos sacerdotes, a catequese se perderia toda a sua riqueza e o seu sentido. Apesar da ação catequizadora do cristão leigo coincide no fundamental com a do sacerdote e a do religioso, porém, reveste um carácter peculiar devido à sua particular vocação: “é própria e peculiar dos leigos a característica secular” (LG 31) e, por conseguinte, tem de exercer a catequese pela sua inserção no mundo, com uma sensibilidade e umas conotações específicas: “este modo de evangelizar, proclamando a mensagem de Cristo com o testemunho da vida e com a palavra, adquire um certo carácter específico e uma particular eficácia por se realizar nas condições ordinárias da vida no mundo” (LG 35).

O catequista é um cristão chamado por Deus para exercer este ministério catequético e exerce-o conforme o modelo que lhe oferece Jesus, o Mestre. Movido pelo Espírito Santo leva a cabo a sua tarefa com uma espiritualidade peculiar. A partir da sua vinculação à Igreja realiza-se “um ato eclesial que é, ao mesmo tempo, um serviço aos homens, o que lhe faz estar constantemente aberto as suas alegrias e preocupações”⁹⁴. Todavia, a vocação do catequista tem a sua origem num chamamento de Deus a determinados cristãos a quem Ele quer confiar a tarefa de catequizar. O catequista, portanto, responde a uma vocação ou a uma chamada: “ser catequista é uma graça e um dom, e não uma função devida, em última instância, ao mérito particular algum, senão principalmente o mistério da chamada de Deus” (CF 50). Por isso, é necessário que o catequista, para exercer a sua tarefa de educador na fé, seja consciente de que a origem da sua vocação à catequese é a graça, o amor e a liberdade que vem de Deus, que exerça

⁹⁴ Barrios, “Relectura”, 153.

a sua tarefa conforme às exigências que lhe surja essa origem, com liberdade, generosidade e alegria e que as suas relações com os cristãos a quem catequiza estejam imbuídas da experiência da origem desse chamamento divino. Com efeito, esta chamada do Pai à tarefa da catequese realiza-se através de Cristo na Igreja.

O catequista, ao aceitar o chamamento de Deus, participa e estende a missão de Jesus: “o próprio Jesus, Evangelho de Deus foi o primeiro e o maior dos evangelizadores” (EN 7). Ele continua e imita Jesus justamente como “Mestre” (CT 5), catequista de seus discípulos, que os envia por sua vez a transmitir o Evangelho por todo o mundo: “ide e fazei discípulos a todas as nações” (Mt 28,19). Este seguimento e imitação da pessoa de Jesus e do seu ministério constitui para o catequista o modelo determinante de toda a sua tarefa porque a catequese dos seus discípulos é uma formação integral e um modelo para todo catequista.

De facto, Jesus ensina de forma nova que cativa e atrai:

“dotado de uma profunda religiosidade inefável, sempre que ensina acerca de Deus vivo aos homens, proclamando sem rodeios o seu imediatismo e a sua soberania absoluta; a sua mensagem não é asséptica senão provocador: anuncia uma grande notícia e denuncia, ao mesmo tempo, as atitudes torcidas; convida a definir-se, a tomar opção; comunica a sua mensagem em relação com a vida e os acontecimentos diários, assumindo as preocupações, alegrias e esperanças dos homens; a sua linguagem é sensível, a correr de todos os dias; transparente uma grande ternura pelas pessoas, sobretudo pelos mais humildes e os que mais sofrem; o seu ensinamento afronta o desafio da experiência: «apoiado pelo testemunho da sua vida, e pelas obras que realiza em favor dos que sofrem e que são os sinais do Reino» (Lc 7,22)” (CF 54).

Seguindo os exemplos de Jesus, o catequista educa também em todas as dimensões do Evangelho, e o faz com a sua mesma pedagogia, apoiando-se no testemunho da sua vida e nas obras da comunidade cristã a quem representa.

Na perspectiva da Nova evangelização convém ter presente que “se a catequese é uma das tarefas primordiais da Igreja” (CT 1), os catequistas necessitam uma boa formação não só para eles próprios e em função dos catequizandos, senão para toda a Igreja porque a autêntica evangelização depende, em boa medida, da qualidade da catequese e não é possível uma boa catequese sem catequistas bem preparados: “todas as tarefas nascem da convicção de que qualquer atividade pastoral, que, para a sua realização, não conte com pessoas realmente formadas e

preparadas, coloca em risco a sua qualidade” (DGC 234). Por isso, a preparação dos catequistas é uma tarefa fundamental dentro da Igreja.

Além disso, a Igreja convida-nos a renovar e enriquecer a concepção da catequese: “a catequese tem necessidade de uma renovação contínua, mesmo em certo alargamento do seu próprio conceito” (CT 17), que se deve “enriquecer cada vez mais” (CT 18), fazendo dela uma “iniciação cristã integral” (CT 21). Esta concepção mais plena da ação catequética e este “sentido amplo e totalmente pastoral” (CT 25), repercute profundamente na maneira de conceber e realizar a formação do catequista e, em consequência, terá que prepara-lo para que possa educar os catequizandos em “todas as esferas da vida cristã” (CT 21), desenvolvendo um processo de “formação cristã integral” (CC 81).

Em outras palavras, tem que preparar o catequista para ser, ao mesmo tempo, mestre, educador e testemunha, uma vez que a catequese “cumpre, ao mesmo tempo, tarefas de iniciação, de educação e de instrução” (DGC 31). Deverá, com efeito, formar o cristão no conhecimento do mistério de Cristo, na vida evangélica, na oração e na liturgia, assim como no compromisso evangelizador. Por ser iniciação, a catequese assume duas características que afetam, igualmente, a formação do catequista. Por uma parte é um “ensino elementar” (CT 21), o que converte o catequista num educador de base, mais centrado nas certezas sólidas e fundamentais da fé. Por outra parte, “a catequese tem um carácter temporal ou transitório para o catequizando, estando enquadrado por um princípio e um fim” (CC 101). Por conseguinte, tem de formar o catequista para que saiba desenvolver uma ação bem delimitada no tempo e “não para que assuma, por exemplo, a direção estável e indefinida de uma comunidade ou para que erija no educador permanente ou exclusivo da fé do cristão” (CF 99).

A formação do catequista atenderá os três aspetos fundamentais que configuram a sua identidade: o do ser, o do saber e o do saber fazer. A formação no aspeto do ser ajuda o catequista no seu amadurecimento como pessoa, como crente e como apóstolo. Enquanto a forma-

ção no aspeto do saber requer que o catequista conheça adequadamente a mensagem que transmite. E por fim, no aspeto do saber fazer, a formação tende a fazer do catequista um “educador da pessoa humana e da vida da pessoa” (CT 22), uma vez a catequese é um ato de comunicação.

Em suma, o ministério da catequese é um ministério recebido de Deus através Igreja e se exerce por amor a Deus e a Igreja.

BIBLIOGRAFIA

Magistério

BENTO XVI, Carta Apostólica Sob forma de *motu proprio*, *Porta Fidei*, AAS 103 (2011): 723-734.

BENTO XVI, Encíclica *Deus Caritas Est*, AAS 101 (2009): 217-252.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, ed Gráfica de Coimbra, Coimbra 2001.

COMISIÓN EPISCOPAL DE ENSEÑANZA Y CATEQUESIS, *La Catequesis de la Comunidad*, ed. EDICE, Madrid 1983.

COMISION EPISCOPAL DE ENSEÑANZA Y CATEQUESIS, *El Catequista y Su Formación*, ed EDICE, Madrid 1985.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Decreto *Apostolicam Actutuositatem*, AAS 58 (1966): 837-864.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Decreto *Ad Gentes*, AAS 58 (1966): 947-990.

CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição dogmática *Dei Verbum*, AAS 58 (1966): 817-836.

CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição *Gaudium et Spes*, AAS 58 (1966): 1025-1120.

CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição dogmática *Lumen gentium*, AAS 57 (1965): 5-71.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II. Decreto sobre o Ministério e vida dos Presbíteros *Presbyterorum Ordinis*, AAS 58 (1966): 991-1024.

CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA, *Custodiar, alimentar y promover la memoria de Jesucristo*, ed. EDICE, Madrid 2014.

- CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA, *La Iniciación Cristiana. Reflexiones y Orientaciones*, ed. EDICE, Madrid 1998.
- CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA, *Testigos del Dios vivo. Reflexión sobre la misión e identidad de la iglesia en nuestra sociedad*, 24-29 de Junho de 1985 (https://www.conferenciaepiscopal.es/documentos/Conferencia/dios_vivo.htm, accedido em 29/10/2018).
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual*, 23 de Junho de 2005 (<http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/para-que-acreditem-e-tenham-a-vida>, accedido em 29/10/2018).
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral da Catequese*, ed SNEC, Lisboa 1998.
- CONGREGACIÓN PARA LA EVANGELIZACIÓN DE LOS PUEBLOS, *Guia para los Catequistas*, 3 de Dezembro 1993 (http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cevang/documents/rc_con_cevang_doc_19971203_cath_sp.html, accedido em 29/10/2018).
- FRANCISCO, *Laudato si'*, *AAS 107* (2015): 847-945.
- FRANCISCO, *Discurso do Papa Francisco aos Catequistas vindos a Roma em peregrinação por ocasião do ano da fé e do Congresso Internacional de Catequese*, 27 de Setembro de 2013, (www.cfaecivob.pt/sdcia/documentos/Mensagem_do_Papa_Francisco_aos_Catequista_em_Roma.pdf, accedido em 29/10/2018).
- FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, *AAS 105* (2013): 1019 – 1137.
- IGREJA CATÓLICA, *Código de Direito Canónico*, ed. AO, 2007.
- IGREJA CATÒLICA, *Ritual De Iniciação Cristã de Adultos*, 6 de Fevereiro de 1972 (<http://www.liturgia.pt/rituais/RICA.pdf>, accedido em 29/10/2018).
- JOÃO PAULO II, *Catechesi Tradendae*, *AAS 71* (1979): 1277-1340.
- JOÃO PAULO II, *Christifideles Laici*, *AAS 81* (1989): 393-521.
- JOÃO PAULO II, *Pastores Davo Vobis*, *AAS 84* (1992): 657-805.
- JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, *AAS 74* (1982): 81-191.
- JOÃO PAULO II, *Redemptor Hominis*, *AAS 71* (1979): 257-324.
- JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, *AAS 83* (1991): 249-340.
- JOÃO PAULO II, *Sollicitudo Rei Socialis*, *AAS 80* (1988): 513-583.
- JOÃO PAULO II, *Vita consecrata*, *AAS 88* (1996): 377-549.

PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, AAS 68 (1976): 5-76.

SÍNODO DOS BISPOS, *Instrumentum Laboris*. A nova evangelização para a transmissão da fé cristã, 27 de Maio de 2012 (http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.pdf, accedido em 29/10/2018).

SÍNODO DOS BISPOS, *Mensagem ao Povo de Deus sobre a catequese no nosso tempo*, 28 de Outubro de 1977 (http://www.arquidiocese-braga.pt/catequese/sim/biblioteca/publicacoes_online/1372/Mensagem_ao_Povo_de_Deus_1977.pdf, accedido em 29/10/2018).

Estudos e artigos

ABOÍN MARTÍN, G. “El Catequista, testigo de la fe,” *Teología y Catequesis*, nº 137 (2017): 117-135.

ALVAREZ AFONSO, B., “La identidad eclesial del catequista,” *Teología y Catequesis*, nº 81 (2002): 49-76.

BORÓBIO, DIONÍSIO, *Ministérios laicais*, Porto: editorial Perpétuo Socorro, 1991.

CARVAJAL BLANCO, J. C. “El catequista, mistagogo de la fe,” *Teología y Catequesis*, nº 137 (2017): 137-167.

CARVAJAL BLANCO, J. C. “El testimonio, corazón de la misión,” *Teología y Catequesis*, nº 133 (2015): 65-106.

CASADO GARCÍA, R., “San Ireneo de Lyon, testigo de la fe de la Iglesia,” *Teología y Catequesis*, nº 81 (2002): 107-123.

CASTAÑO FÉLIX, A., “El Catequista, Icono del Magisterio de Jesús,” *Teología y Catequesis*, nº 137 (2017): 93-115.

CASTAÑO FÉLIX, A., “La revelación como testimonio en el N.T.” *Teología y Catequesis*, nº 81 (2001): 17-34.

CASTAÑO FÉLIX, A., “Nuevos catequistas para la nueva evangelización,” *Actualidad Catequística*, nº 237 (2013): 27-46.

- CERRO CHAVES, F., “Los Catequistas, cantores de la misericordia de Dios,” *Actualidad Catequética*, nº 250 (2016): 27-28.
- D'ARQUER I TERRASSA, J., “Claves para la formación actual del catequista,” *Teología y Catequesis*, nº 81 (2002): 77-89.
- DELEGACIÓN PARA LA CATEQUESIS DE LA DIÓCESIS DE MÉRIDA-BADAJOZ, “Programación y materiales para un cursillo parroquial de catequistas,” *Actualidad Catequética*, nº 240 (2013): 139-154.
- DELGADO ESCOLAR, R. “El Catequista, un ministerio realizado en acto de fe y al servicio de la fe,” *Teología y Catequesis*, nº 137 (2017): 69-91.
- GARCÍA, O., “Experiencia de formación de catequistas en la parroquia: ¿qué formación necesitan los catequistas?” *Actualidad e Catequética*, nº 249 (2016): 137-140.
- GINEL VIELVA, A., “El catequista inicia en la celebración del misterio de Jesucristo,” *Actualidad Catequética*, nº 233-234 (2012): 93-121.
- GRANADOS MOLINA, M., “Un modelo diocesano de formación de catequistas,” *Actualidad Catequética*, nº 249 (2016): 133-136.
- LÓPEZ LÓPEZ, M., “Los catequistas que hoy la Iglesia necesita”, *Actualidad Catequética*, nº 233-234 (2012) 122-146.
- LÓPEZ LÓPEZ, M., “La formación de los catequistas en la diócesis de Cádiz y Ceuta,” *Teología y Catequesis*, nº 137 (2017): 213-225.
- MARÍN TAMAYO, J.J., “La formación de los catequistas en la perspectiva de la exhortación apostólica *Evangelii gaudium*: aspectos pedagógicos,” *Actualidad Catequética*, nº 247-248 (2015): 219-232.
- MARTÍN BARRIOS, J. L., “Relectura del documento "El catequista y su formación" a la luz de la nueva evangelización,” *Actualidad Catequética*, nº 233-234 (2012): 147-162.

- MARTÍNEZ SISTACH, L., “Escogidos por el señor para ser catequistas,” *Actualidad Catequética*, nº 240 (2013): 89-104.
- MEDINA ESCUDERO, M. A., “Jesús, Maestro que revela la verdad de Dios y del hombre,” *Actualidad Catequética*, nº 137 (2017): 13-40
- MORELL ROM, F. X., ““L'Escola d'estiu" para catequistas en Cataluña y Baleares,” *Teología y Catequesis*, nº 81 (2002): 127-143.
- MORGA IRUZUBIETA, C. “La Catequesis, un don de Dios para la Iglesia,” *Actualidad Catequética*, nº 249 (2016): 17-18.
- PÉREZ PUEYO, A., “Cómo "vocacionalizar" la catequesis,” *Actualidad Catequética*, nº 233-234 (2012): 163-190.
- PÉREZ SÁNCHEZ, “El testimonio profético en el A.T.” *Teología y Catequesis*, nº 81 (2002): 9-16.
- REDAÇÃO, “Catequistas para la nueva evangelización. Presentación de las cartas y mensajes de Monseñor Bergoglio a los catequistas,” *Actualidad Catequética*, nº 240 (2013): 105-124.
- REDAÇÃO, “Guía básica del catecismo para catequistas,” *Actualidad Catequética*, nº 219-220 (2008): 159-196.
- RICHI ALBERTI, G., “La transmisión de la fe por la Iglesia: profesión y testimonio de fe,” *Teología y Catequesis*, nº 81 (2002): 35-48.
- RODRIGUEZ MAGRO, A., “Una nueva catequesis,” *Actualidad Catequética*, nº 242-243 (2014): 35-37.
- RODRIGUEZ MAGRO, A., “El Catequista, Identidad, Vocación y Misión,” *Actualidad Catequética*, nº 240 (2013): 85-88.

- ROMERO GALVÁN, F. “El catequista, padrino y acompañante de la fe,” *Teología y Catequesis*, nº 137 (2017): 169-187.
- ROMERO POSE, E., “Presentación del libro de J. Ratzinger “El espíritu de la Liturgia” una introducción,” *Teología y catequesis*, nº 81 (2002): 91-104.
- RUBIO CASTRO, A., “La formación de catequistas,” *Actualidad Catequética*, nº 233-234 (2012): 196-200.
- RUBIO CASTRO, A., “María, un catecismo viviente y Pedagógico,” *Actualidad Catequética*, nº 242-243 (2014): 47-54.
- RUIZ MARTORELL, J., “La Sagrada Escritura en la identidad y formación”, *Actualidad Catequética*, nº 233-234 (2012): 70-92.
- SALINAS VIÑALS, J., “Catequista al servicio de la iniciación cristiana,” *Actualidad Catequética*, nº 245-246 (2015): 49-52.
- SANTAYANA LOZANO, E., “Plan de formación de catequistas de la diócesis de Getafe,” *Actualidad Catequética*, nº 225-226 (2010): 183-193.
- SARTOR, P., “Claves para la formación del catequista de iniciación cristiana,” *Actualidad Catequética*, nº 249 (2016): 71-84.
- SARTOR, P., “Objetivos, métodos y contenidos de la formación de catequistas de iniciación cristiana,” *Actualidad Catequética*, nº 249 (2016): 85-100.
- SEBASTIÁN AQUILAR, F., “Nueva Catequesis, nuevos catequistas”, *Actualidad Catequética*, nº 233-234 (2012): 56-69.